

**À SOMBRA DA CAMBUATÃ: EXPERIÊNCIA RELIGIOSA PRESENTE  
NO ASSENTAMENTO CONQUISTA NA FRONTEIRA –  
DIONÍSIO CERQUEIRA - SC**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador:  
Prof. Dr. Walter Roberto Marschner

# DEDICATÓRIA

*Aos meus familiares e amigos,  
companheiros de todas  
as horas.*

# AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, que me auxiliou carinhosa e dedicadamente, em todas as etapas desta pesquisa.

Aos meus colegas de curso, companheiros que colaboraram nesse processo.

Aos professores, pelo conhecimento, pelas orientações e pelas experiências compartilhadas.

Aos meus familiares, pelo apoio, carinho e amor.

## RESUMO

O tema desta pesquisa, religiosidade na luta pela terra, teve como objetivo analisar as manifestações religiosas no Assentamento Conquista na Fronteira/SC, perguntando sobre a influência na organização e fortalecimento da identidade do MST. Como metodologia de trabalho foi utilizada a pesquisa de campo qualitativa a partir da entrevista narrativa, expressa pelas histórias de vida. Analisando o contexto histórico do surgimento/fortalecimento do MST, conclui-se que ele nasce herdeiro da teologia da libertação, polarizando a compreensão entre trabalho e terra de especulação, o que mobilizou famílias a partirem para a terra prometida. Esse também foi o processo de ocupação das terras que deu origem ao Assentamento. As manifestações religiosas foram analisadas à luz da teoria da religião de Durkheim, identificando a religião como força de coesão social, e pela teoria de Marx, quando afirma que na religião só se encontra ilusão. A experiência religiosa dos assentados reconhece que se a terra é de Deus, a terra é de todos; que alguns espaços se tornam sagrados: (terra, árvore, cruz); que o fato de o Assentamento ter 19 anos de coletivo sem capela não significa que as famílias não tenham fé; que a fé é vivida no cotidiano das famílias através do perdão, da cooperação, do amor; que da mística traz a memória da luta e oportuniza a reflexão para a ação do coletivo; que a utopia preenche o "vazio" existencial e responde aos desejos íntimos do ser humano. Para a Educação do Campo este tema traz elementos para a compreensão da identidade do camponês, pois incorpora também os elementos da religião, não nos seus aspectos coersivos e alienantes, mas como coesão e libertação.

**Palavras chaves:** assentamento, experiência religiosa, sagrado, luta por terra, identidade camponesa

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA LUTA PELA TERRA</b> .....	<b>10</b>
2.1.	RELIGIÃO NA ABORDAGEM MARXISTA.....	11
2.2.	A RELIGIÃO NA ABORDAGEM DE DURKHEIM.....	15
<b>3.</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO E FORTALECIMENTO DO MST</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA.</b> .....	<b>25</b>
4.1	BREVE HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO CONQUISTA NA FRONTEIRA.....	27
4.1.1	Dezenove anos de assentamento sem capela.....	32
4.1.2	O coletivo e a comunidade religiosa .....	35
<b>5.</b>	<b>ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DOS ASSENTADOS NA CONQUISTA DA FRONTEIRA</b> .....	<b>37</b>
5.1.	SE A TERRA É DE DEUS, A TERRA É DE TODOS .....	37
5.2.	SÍMBOLOS QUE SE TORNAM MEMÓRIA .....	40
5.3.	FÉ INSTITUCIONALIZADA OU FÉ POPULAR? .....	46
5.4	A MÍSTICA DOS ASSENTADOS.....	52
5.5	UTOPIA OU ALIENAÇÃO RELIGIOSA.....	53
5.6	HÁ FUNÇÃO SOCIAL DA RELIGIÃO ENTRE OS ASSENTADOS.....	57
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>58</b>
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS.....	63
	ANEXOS .....	66

# 1 INTRODUÇÃO

Para a realização desta pesquisa, parti do pressuposto de que o ser humano se constitui de diferentes dimensões: social, política, econômica, cultural; para muitos, a dimensão religiosa proporciona-lhe uma singularidade própria e, deste modo, uma interação diferente com o seu contexto social.

Por outro lado, considera-se que as relações humanas são influenciadas pelas contradições históricas, sejam econômicas, sociais ou culturais. A partir de sua concepção de vida, de mundo, de organização, de existência o ser humano organiza seu mundo, sua sociedade, sua vida e sua história.

Assim, a opressão pode *despertar* a mobilização social, levando os oprimidos a lutarem por seus direitos. Mesmo diante de um sistema capitalista liberal, que pretende enfraquecer ou acabar com as lutas sociais, há diferentes organizações que buscam auxiliar o fortalecimento deste processo.

Neste sentido, há, no Brasil, um processo histórico em que mulheres e homens procuram construir um novo espaço social e, por vezes, participam de diferentes movimentos ou organizações, construindo grupos que anseiam por transformações na sociedade. Por isso, para estudar as lutas sociais, especificamente dos camponeses, é fundamental a discussão de algumas categorias.

Uma destas dimensões é a experiência religiosa, realidade visível na história brasileira, marcada fortemente pelos ensinamentos das Igrejas Cristãs, principalmente da Igreja Católica Apostólica Romana.

A aproximação desta autora com os movimentos sociais e com o tema em questão parte de sua experiência, num ambiente marcado pelo religioso católico romano, que também foi ponto de partida para iniciar a especialização em Educação do Campo. Nesse contexto, convivendo com os membros de diferentes movimentos e conhecendo a sua concepção de mundo, surgiram alguns questionamentos: que sociedade queremos construir? O que é educar? Por que muitos manifestam certa indignação para com as igrejas se ao conversar com elas manifestam fé em Deus e vivência religiosa? Em que uma religião pode atrapalhar ou auxiliar na organicidade de um grupo de pessoas? Qual a experiência religiosa destes sujeitos?

No contexto dessas organizações, surge a opção em pesquisar a experiência religiosa presente no Assentamento Conquista na Fronteira (SC). Contudo, para uma melhor aproximação do fenômeno religioso ali presente, foi necessário superar uma visão e uma postura dogmática referente ao sagrado/profano, espiritual/material, pecado/virtude e quebrar os padrões da ótica do certo/errado.

Os fatos, as experiências religiosas da vida pessoal das pessoas à minha volta e das manifestações individuais e coletivas na sociedade, me levaram cada vez mais a crer que a religião nunca será um fenômeno totalmente desvelado, compreendido e consumado, mas é fruto de um processo dialético de busca, entre o individual e o coletivo. Foi justamente nesta perspectiva que procurei compreender as manifestações religiosas no Assentamento Conquista na Fronteira.

Por outro lado, mesmo que o aspecto religioso se caracterize pela contradição da alienação, manifestada por Marx, é possível que as práticas religiosas no Assentamento Conquista na Fronteira tenham influenciado na sua organicidade, a partir da união entre fé e vida.

Numa primeira visita exploratória ao Assentamento Conquista na Fronteira, deu-se o confronto com um fenômeno que me fez repensar sobre o caminho pré-estabelecido: pesquisar sobre a *função social da religião*, ou seja, o papel da religião junto à organização de um grupo, uma entidade, uma organização, de modo particular do Assentamento, a partir da hipótese de que a religiosidade influenciou e influencia, positivamente, na sua organização. A partir da visita, conversando com algumas famílias ali residentes, surgiu a impressão de que, ao invés de ajudar, as práticas religiosas, principalmente aquelas impostas por determinada religião ou igreja oficial, ao invés de fortalecer, poderiam sim enfraquecer a luta do povo pela terra, bem como a organização coletiva das famílias.

A história do Assentamento Conquista na Fronteira começou no dia 25 de maio de 1985. Fundado em 1988 e, dispondo hoje de uma boa estrutura comunitária (escola, salão social, cooperativa), não dispõe, contudo de nenhuma Igreja construída onde pudessem acontecer formalmente as *celebrações religiosas comunitárias*. Estas são realizadas em espaços onde as famílias julgam ser mais oportunas: a celebração do plantio e da colheita são realizadas junto à terra, na roça, acompanhadas pelas ferramentas de trabalho; o batismo é feito no rio.

Já na pesquisa exploratória, a singularidade da realidade questionava os pressupostos de pesquisa: será que continuaria a me perguntar sobre a *função social da religião* junto à organização do Assentamento ou me deteria a observar as experiências religiosas ali presentes? Nesse dilema estava a dúvida: perguntar pela função da experiência religiosa, adotando uma abordagem funcionalista, não ocultaria a compreensão do sentido do fenômeno religioso em si mesmo? Essa reflexão reorientou a abordagem da pesquisa, tanto no procedimento na pesquisa de campo, ao indagar pela singularidade da experiência religiosa dos informantes, como também impactou o diálogo com as teorias sociológicas da religião.

No momento, necessitei de leituras bibliográficas e mais algumas visitas exploratórias, auxílios nesta primeira encruzilhada.

Após a leitura e reflexão de algumas referências bibliográficas, nas visitas que se seguiram, conversando com pessoas que residem no Assentamento e que trabalham na escola, surgem as questões: será mesmo que as manifestações religiosas não influenciam na organização e dinâmica da vida do Assentamento? As manifestações individuais são as mesmas que no coletivo? Há coerção coletiva imposta sobre a experiência religiosa das famílias?

Considerando o fato de que o fenômeno religioso se manifesta no social, quais manifestações religiosas estão presentes na vida pessoal, familiar e comunitária dos Assentados? E, por fim, qual o papel que a religião assume na cultura e na socialização dos assentados, influenciando a conquista da terra e a organicidade do Assentamento Conquista na Fronteira, de Dionísio Cerqueira/SC?

Por isso, esta pesquisa teve como objetivo geral: analisar as manifestações religiosas no Assentamento Conquista na Fronteira/SC perguntando pela influência na organização e fortalecimento da identidade do MST. Os objetivos específicos foram: analisar o contexto histórico do surgimento/fortalecimento do MST; conhecer o processo de ocupação das terras que deu origem ao Assentamento Conquista da Fronteira; compreender, a partir da observação de sua prática, o fenômeno das manifestações religiosas (caráter, atores, abrangência, cotidiano, espaço, o que desperta), identificando o papel da religião na organicidade do Assentamento Conquista da Fronteira (contradições, conflitos, interesses, atores) das práticas religiosas.

Como metodologia de trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo a partir da pesquisa qualitativa e por meio da entrevista narrativa, através do relato das histórias de vida.

Como referencial teórico foram utilizadas as teorias de Karl Marx e Émile Durkheim. A luta pela terra é um tema político e pedagógico onde o campo apresenta-se como um território, espaço de vida e de construção de conhecimento. Nesse sentido, a análise da luta pela terra na abordagem da sociologia da religião possibilita esse olhar, ao entender a religião como uma leitura de mundo, um olhar dentro dos outros olhares. Negar esse olhar significa negar a leitura da realidade dos camponeses, o que corresponderia negar sua identidade. Por outro lado, os conflitos sociais são uma chave de leitura para compreender o fenômeno religioso. A religião tanto pode gerar experiências de libertação como de opressão, instrumentalizando tradições e saberes.

Por fim, a contribuição deste trabalho situa-se partindo das abordagens de Marx e Durkheim em trazer novos elementos para a compreensão da experiência religiosa nas lutas por terra, através de um estudo empírico, o caso do Assentamento Conquista na Fronteira. Entende-se que o fenômeno religioso é complexo, profundamente enraizado na história dos assentados e sua natureza pode-se apenas, de forma limitada, explicar. No entanto, a contribuição deste trabalho é de avançar no debate dentro da caracterização dos povos do campo e sua identidade.

Se na história da América Latina o fenômeno religioso, em muitos casos, mostra um conteúdo emancipador, permanece este aspecto das lutas populares ainda pouco explorado. Nesse limite se propõe a presente pesquisa: contribuir para compreender o papel da religião nas lutas sociais.

## 2 EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A LUTA PELA TERRA

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (2001, p. 22-23), religioso é tudo o que se refere ao relacionamento do homem com o que se poderia chamar de: Deus, Transcendente, Ser Superior, entre outros, manifestado pelas tradições religiosas no decorrer nos tempos. Constantemente o indivíduo faz perguntas. Ele interroga a si mesmo e ao mundo, procurando compreender o seu mistério, sua origem e finalidade. Nessa busca, emerge o desconhecido.

Por isso, pode-se dizer que *religião* é o resultado da busca das pessoas, no decorrer da história, por uma resposta sobre o sentido e origem da vida, da natureza e do universo.

Em diferentes culturas, a experiência religiosa também se expressa como alimento de esperança e alento transformador na busca para uma vida de dignidade e abundância. A metáfora bíblica expressa isso muito bem: a busca por uma “nova terra onde corre leite e mel”. Nesse sentido, a religião se traduz como busca de um espaço onde a vida pode se reproduzir dignamente.

Se há uma busca de “nova terra”, onde se encontra sentido e orientação, pode-se pensar no seu oposto: a experiência do ser sem-terra, de estar na situação de caos, da falta de orientação, da vida explorada e sem sentido. Por isso, a busca de sentido na experiência religiosa – considerando a realidade latino-americana - está vinculada à experiência de *luta*: luta pela sobrevivência, luta para viver em sociedade, luta pela busca de sentido para viver.

Nesse embate, a luta pela terra não é somente uma batalha pela sobrevivência, mas também quer representar a busca do ser humano em encontrar na terra o “solo, lugar de cultivo, terra vermelha, terra fértil, patrimônio familiar, realidade de vida” (MEDINA, 1991, p. 32), o lugar que oferece abrigo e proteção. Assim, a história do povo apresenta a permanente busca em encontrar, em conquistar e ocupar a terra prometida, numa metáfora bíblica, “onde corre leite e mel”.

Tal significado vai sendo construído de maneira individual e coletiva, ou seja, a sociedade vai caracterizando sua história a partir das experiências de cada indivíduo que faz parte dela. Muitas vezes as lutas são motivadas e

identificadas pela linguagem religiosa, por aqueles que buscam transformações sociais.

É por esta influência de um indivíduo em relação ao outro que os significados, os valores, as crenças religiosas também acabam deixando suas marcas na sociedade, que se diferenciam historicamente. Tais marcas não estão isoladas das relações do ser humano com o trabalho, com o modo de produção e, conseqüentemente, suas lutas, seus conflitos, na busca da sobrevivência: "a religião é produto das relações sociais". (SAUER, 1998, p. 7)

As lutas por terra, em muitos casos na história latino-americana, foram marcadas por uma forte significação religiosa. Nem por isso tornaram-se necessariamente mecanismos de ajustamento às estruturas de dominação. Pelo contrário, ainda que, marcadas pelo espontaneísmo, messianismo, pela centralidade de uma figura carismática, os movimentos de conquista pela terra mostram um conteúdo emancipador do fenômeno religioso. Este aspecto das lutas populares ainda foi pouco explorado. Sua análise poderá contribuir para compreender mais o papel da religião nas lutas sociais.

Para auxiliar na compreensão da construção da sociedade e mais especificamente na história do Assentamento Conquista na Fronteira, considerando a influência da religião, será analisada a abordagem clássica de Karl Marx (1818-1883) e Émile Durkheim (1858-1917) sobre o fenômeno religioso.

## **2.1 Religião na abordagem marxista**

Para Engels, o trabalho é fonte de realização humana e que multiplica a ajuda mútua, uma vez que contribui para agrupar os membros da sociedade: "o trabalho é a fonte de toda riqueza... ele criou o próprio homem" (1961, p. 271). Assim, o trabalho constrói o homem à medida que ele elabora instrumentos necessários à sua sobrevivência.

Como o homem é um ser histórico, social, genérico, em transformação, que tem necessidade de agir, ele modifica a natureza e, conseqüentemente, a si mesmo: foi à natureza para pescar, buscar frutas, construiu cestos, quebrou a pedra, encontrou o fogo, transformou a mordida em beijo, unhas em afeto. À medida que o homem agiu sobre a natureza, ele formou a sua cultura, seus sonhos, seu espírito, seu subjetivismo, sua identidade, seu valor; criou

símbolos, formas de linguagem, etc. Conforme foi sistematizando a experiência, foi construindo conhecimentos: a sua cultura.

Por outro lado, o trabalho de modificar a natureza levou o homem a dominá-la, obrigando-a a servir-lhe. O trabalho, planejado pela cabeça, já era capaz de obrigar mãos alheias a realizar o trabalho projetado por ela. E assim é até hoje: quem planeja, domina!

Quando a modificação dos meios de produção é utilizada para a melhoria de vida do ser humano, traz consigo o benefício social. Contudo, o que se percebe: concentração de riquezas, dominação social e política, luta entre a classe que compra e a que vende a força de trabalho; entre os possuidores dos meios e dos fins da produção e os trabalhadores assalariados.

Na sociedade capitalista, o trabalho passa a ser alienado. Segundo Marx, a alienação significa, justamente, que o trabalho assume uma existência externa, que existe independentemente do trabalhador. Ele é servo do objeto de seu trabalho: receber trabalho e receber meios de subsistência. Só pode manter-se como sujeito físico enquanto trabalhador e só é trabalhador enquanto sujeito físico. Portanto, a alienação pode estar na natureza do trabalho, bem como no processo de produção.

Nesse contexto, Marx inclui a experiência religiosa. Segundo Sauer, para Marx a religião “nada mais é que a expressão ideal de uma alienação material”. (1998, p. 8). Marx entende a religião como produto das relações sociais que cria uma visão mistificada da realidade. Assim, a sociedade que produz a religião a faz de uma forma invertida.

A religião é o reflexo invertido do mundo real das relações econômicas. A mistificação religiosa é a aura sagrada da mistificação econômica, na medida em que ela obscurece o fato de que mercadorias são produtos sociais. As mercadorias, elas mesmas se tornam entidades religiosas, fetiches. Sendo uma consciência invertida, a religião é basicamente falsa [...], só encontramos ilusão. (SAUER, 1998, p. 7)

Uma outra questão do trabalho é a sua divisão, que é a expressão econômica do caráter social do trabalho no interior da alienação. Qual a sua causa? Todo homem vive de trocas e se torna, em certa medida, um comerciante e a sociedade acaba por transformar-se em verdadeira sociedade comercial. A acumulação do capital aumenta com a divisão do trabalho e vice-versa.

No capitalismo, a mercadoria é o trabalho humano cristalizado na forma de um objeto; ele cria valor, mas não é valor. Contudo, onde está o valor de uma mercadoria? O que leva o trabalho de um indivíduo valer mais do que o de outro? Por que determinado trabalho é mais valorizado? Pela sua utilidade? Mas útil para quem e para quem? Satisfazer as necessidades básicas? E quais seriam (desde o estômago até a fantasia?)?

Marx debate o papel da religião com Feuerbach. Para este último, a religião faz parte da busca humana por sentido e orientação. Ele identificou na religião essa profunda busca que é a essência da experiência humana.

Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do EU do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor. (FEUERBACH, 1998, p. 56)

Diferente de Feuerbach, Marx nega a contribuição da religião nessa busca. Ele nega que a religião seja a expressão de uma essência humana, muito menos que seja “independente” das condições materiais de produção. Ele afirma que na religião só se encontra ilusão. Como ilusão, possui uma função de legitimidade e justificação como uma “explicação falsa do mundo”. Neste sentido, para Marx, a religião é produzida por uma realidade repressora e, se assim for, deveria ser destruída a fim de que as pessoas compreendam as causas das suas infelicidades, deixem então as ilusões e o mundo se transformaria. A alienação religiosa pode ser a expressão da alienação material. Assim pensando, a emancipação humana implica a eliminação de toda a alienação e com estas a eliminação na religião desvelando o real e suas relações opressivas.

Focando para a experiência das lutas camponesas na América Latina, pergunta-se se a proposta secularizante do projeto emancipador de Marx é pertinente. Trata-se aqui de perguntar se a visão religiosa que motivou os povos do campo desde as revoltas messiânicas e os conflitos agrários durante e depois da ditadura militar (vide 2º capítulo), pode ser entendida apenas como alienante ou se, de fato, existem conteúdos emancipadores na experiência religiosa que Marx ignorava.

Uma suspeita é que Marx não conseguiu decifrar em sua antropologia a dimensão do desejo que a religião tão bem traduz. Para Rubem

Alves, o ser humano, espécie animal que fala e pensa, reveste-se de uma estrutura psíquica inconsciente e desejante, cuja identidade se caracteriza por inúmeras formações, que lhe proporcionam uma singularidade própria. Desse modo, se estabelece uma interação particular e diferente entre o sujeito humano e o seu contexto social.

Nesse contexto, o ser humano passa pelo processo educativo de tornar-se humano, de tornar-se um homem livre, ter liberdade e poder libertar-se e não ser alienado por outros, ter que trabalhar forçado e ser explorado.

Diante dessa incerteza, o homem parece ser a única criatura que se recusa a ser o que é. Ignorar a possibilidade de tornar-se poderá impedir o conhecimento pessoal nas suas relações com a natureza, com as outras pessoas, consigo mesmo e, ainda, com uma realidade invisível, porém presente. Tal realidade, no entanto, dá sentido e significado aos seus desejos mais profundos, que muitas culturas definem como o Transcendente.

Negar o invisível é dizer não aos símbolos, diante dos quais o inteiro estremece. "Este estremece é a marca emocional/existencial da experiência do sagrado". (ALVES, 1981, p. 25)

Ora, a luta por terra é mais do que a disputa por um pedaço de chão. É processo humanizante: terra é liberdade! Funde-se com a construção deste ser humano que quer ser mais. A conquista da terra adquire a dimensão da transcendência. Por isso, pode-se perceber que a luta por terra, historicamente, exprimiu-se como experiência religiosa, manifestação concreta do Deus libertador no destino do camponês explorado. Negar a contribuição da religião nas lutas camponesas é negar aspectos subjetivos que o materialismo histórico não poderia reconhecer. Nesse sentido, seria pertinente a pergunta da possibilidade de uma religião dos oprimidos que, mais do que um "suspiro" teria um germe de libertação que, nas lutas do campo, ganha expressão histórica.

O pensamento de Marx é fruto de sua época. Herdeiro do iluminismo, ele crê numa realidade que pode ser decifrada em sua materialidade<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Segundo Santos (2003, p. 36ss), apesar do materialismo histórico ser importante para a leitura dos processos sociais atuais, na forma como foi formulado por Marx, onde a "base econômica determina e explica as formas políticas, econômicas e culturais, que dominam na sociedade, ou seja, a superestrutura", não dá conta de explicar a complexidade social, e no caso deste estudo, a complexidade do fenômeno religioso. Santos critica, sobretudo, o reducionismo economicista que

Quem sabe o funcionamento tem o segredo da manipulação e do controle. Nisto, a religião perde sua função. No decorrer da história o fenômeno religioso perdeu seu poder e centralidade e para que os homens dominassem a terra foi necessário que Deus fosse confinado aos céus. À religião ficou o mundo invisível, o cuidado da salvação. Porém, as pessoas continuam a pensar sobre a vida e a morte. E sobreviveu o sagrado também como religião dos oprimidos.

Se em Marx e Engels a religião está organicamente ligada a um sistema específico de relações de produção, o pensamento religioso não contribuiu para a resistência à estrutura de opressão?

## **2.2 A religião na abordagem de Durkheim**

Émile Durkheim tinha como propósito fundamental de sua investigação formular uma morfologia social, ou seja, descobrir as formas que permitem à sociedade se manter coesa. Para tal, pesquisou em civilizações primitivas as bases da constituição do viver social e assim tirou elementos para entender a constituição da sociedade moderna. Entre estes elementos a religião é categoria central. Sobre a religião e seu papel social ele afirmou: “a religião é uma coisa eminentemente social” (Durkheim, 2004, p. 155). Ela tem uma força de coesão social, pois a relação entre as pessoas e o sobrenatural constitui também a relação entre os indivíduos e a comunidade.

Durkheim vislumbrou a existência de um “reino social”, que seria distinto do mineral e do vegetal. “O reino social seria o lugar onde se processaria justamente os “fenômenos morais”, e seria composto por ambientes constituídos pelas “idéias” ou pelos “ideais coletivos””. (RODRIGUES, 2002, p. 21) Nesse sentido, Durkheim também define que a religião, a moral, o direito, a economia ou a educação são, na verdade, sistemas de valores.

Assim, percebe-se que os fatos sociais são justamente aqueles modos de agir que exercem sobre o indivíduo uma coerção exterior, e que apresentam uma existência própria, independente das manifestações individuais que possam ter.

A sociedade está na cabeça dos homens e das mulheres, de todos e de cada um [...] Só existe um modo de conhecer os fatos [...]: é criando em nossa mente uma *idéia* do que sejam ou um *ideal* que diga respeito ao modo como deveriam ser. [...] É gerando uma *representação* mental, uma espécie de chave interpretativa que construímos para lidar com aquilo que a princípio não conhecemos. (RODRIGUES, 2002, p. 23-24)

A religião faz parte deste conjunto de representações que dão sustentação e cimentam a estrutura social. A religião<sup>2</sup> é como uma instituição social envolvendo crenças e práticas em uma concepção do sagrado.

Um certo número de coisas sagradas que mantém entre si relações de coordenação e de subordinação de maneira a formar um sistema com certa unidade. O conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui a religião. (SAUER, 1998, p. 13)

Sob esta perspectiva, a função da religião é fazer as pessoas colocarem os interesses da sociedade acima dos seus próprios desejos. “Qualquer ideal, como produto coletivo, tem um caráter sagrado, imbuindo as pessoas com sentimentos de respeito e compromisso”. (SAUER, 1998, p. 14)

Para Durkheim, as representações podem ser individuais (pessoais) ou coletivas (compartilhadas). Assim, a religião é composta de representações sociais (símbolos, sinais, metáforas socialmente compartilhadas) que cimentam o agir social. E surgem as formas que possibilitam o todo social: o espaço, o tempo, as instituições, as normas.

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo também; para fazê-las, uma multiplicidade de espíritos diversos associaram, misturaram suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí sua experiência e sua sabedoria. (Durkheim, 2004, p. 158)

Nesse sentido, a religião explica a estrutura social e o seu surgimento. A religião se revela como orientação e sentido, pois está presente na consciência coletiva da sociedade que existe através das consciências particulares. Cada uma não é nada sem a outra.

---

<sup>2</sup> Durkheim também expressa sua compreensão das religiões afirmando que “não existe religião alguma que seja falsa”. (Apud ALVES, 1981, p. 58). E continua: O fiel que entrou em comunhão com o seu Deus não é meramente um homem que vê novas verdades que o descrente ignora. Ele se tornou mais forte. Ele se sente, dentro de si, mais força, seja para suportar os sofrimentos da existência, seja para vencê-los. (ALVES, 1981, p. 64)

De acordo com Durkheim, a experiência religiosa ajuda a sociedade a criar e delimitar seu espaço, coletivamente; permite aos indivíduos a acharem seu lugar de trabalho assegurando a solidariedade orgânica, como acontece entre os assentados do Conquista na Fronteira:

As pessoas não estão juntas porque fazem as mesmas coisas, mas contrário: estão juntas porque fazem coisas diferentes e, portanto, para viver [...] dependem das outras, que fazem coisas que elas não querem ou não são mais capazes de fazer. (RODRIGUES, 2002, p. 29)

Como apontado anteriormente, faz parte da experiência humana o caos e a ordem, a falta de sentido, de esperança e a busca de superação. Também a tomada de terra é uma experiência marcante de conquista entre caos e ordem. A tomada da terra organiza a vida dos que a conquistam, dando ordem ao caos em que viviam. E isso é explicado, muitas vezes, com argumentação religiosa. Por isso a abordagem de Durkheim é importante. Diferente de Marx, Durkheim entende que a religião cumpre uma função fundamental no ser humano, enquanto ser social, dando a ele um lugar no espaço e na sociedade como um todo.

É por isso que diferentes lugares, diferentes objetos ganham significados além do aparente, do material. É a experiência da transcendência: ultrapassar a compreensão do real, atribuindo-lhe novo valor. Tal valor somente será reconhecido pelos que a reconhecem e sentem. Tal experiência pode ser semelhante de quando se entra num nicho, numa capela... Haverá diferença para um ateu, para um crente ou ainda por aqueles que não assumiram uma posição de ateísmo ou crença. Esses espaços, ao mesmo tempo em que são consagrados pela reverência popular, servem de elemento unificador dessa coletividade. Tal é o exemplo da bandeira do MST, da porteira do Assentamento, da cruz no tronco de outros símbolos centrais na vida daquele grupo.

A contribuição de Durkheim é valiosa até os dias de hoje para a compreensão do agir humano na sua tensão com as estruturas sociais, para entender a gênese das instituições e, sobretudo nesse estudo, entender como o fenômeno religioso, através de seus códigos morais, fundam essas instituições. No entanto, suas lacunas - a ausência das classes sociais em sua análise é uma delas - confere à sociedade um caráter estático (RODRIGUES, 2004, p. 33), como se suas

instituições, fundadas em elementos sagrados, fossem impossíveis de serem transformadas.

Além disso, a abordagem de Durkheim é funcionalista, procurando sempre entender os fenômenos sociais não em si mesmos, mas na perspectiva da *função* que cumprem para a existência do todo social. Ora, entender o fenômeno religioso na ótica de seu papel para a coesão de determinado grupo social não explica a religião na sua essência. Neste ponto, os limites de Durkheim se assemelham aos de Marx, ao atribuir a religião ao âmbito da alienação e remetendo-a a uma mera função ideológica, legitimação estrutural do capitalismo.

Olhando a experiência dos movimentos camponeses e sua experiência religiosa, percebe-se que a religião libertadora não só funda, mas dinamiza o social, ao ponto de relativizar o institucionalizado. A experiência religiosa dos assentados no Conquista na Fronteira se dá fora do institucionalizado, até hoje sem capela, e suas celebrações acontecendo debaixo de uma árvore, no rio, na lavoura.

Tais significados não deixam as pessoas venderem sua terra porque a entendem como "terra de Deus" e, ao mesmo tempo, espaço que oportuniza a elaborar sua história. A conquista da terra também é organização da vida!

Assim, as relações de trabalho, as formas de produção, a maneira de uma sociedade se organizar são caracterizadas pelos seus valores, suas crenças, seus anseios, seus sonhos. Através da educação, tais elementos são passados de geração em geração que tem maior ou menor apreensão, dependendo se a sociedade for muito ou pouco complexa e diferenciada.

Por fim, a contribuição deste trabalho, partindo das abordagens de Marx e Durkheim, quer trazer novos elementos para a compreensão da experiência religiosa nas lutas por terra, através de um estudo empírico, a exemplo do caso do Assentamento Conquista na Fronteira. Entende-se que o fenômeno religioso é complexo, profundamente enraizado na história dos assentados e sua natureza pode-se apenas, de forma limitada, explicar. No entanto, a contribuição deste trabalho é de avançar no debate dentro da caracterização dos povos do campo e sua identidade.

### 3. BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO E FORTALECIMENTO DO MST

A luta pela terra tem sido uma realidade histórica antiga e, ao mesmo tempo, atual. Por isso, focando um breve período na história brasileira, serão feitas algumas considerações a partir da segunda metade do século XX.

A década de 50 se caracterizou pelo desenvolvimentismo, com a forte influência do capitalismo liberal. Como consequência, acontecia a migração do modelo estrangeiro de desenvolvimento: latifúndio, monocultura, produção em massa.

Em 1961, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, João Goulart - o Jango - assumiu o cargo com a proposta de mobilizar as massas trabalhadoras em torno das reformas de base, que alterariam as relações econômicas e sociais no país. Nesse contexto, viveu-se um clima de efervescência, principalmente sobre a Reforma Agrária.

Um fator a ser destacado neste contexto são as mudanças ocorridas no interior da igreja católica. De 1962 a 1964, acontece o Concílio Vaticano II, uma abertura da igreja, inaugurada pelo Papa João XXIII. Em 1968, é realizada a Conferência do CELAM, em Medellín, Colômbia, (que teve como motivador Dom Pedro Casaldáliga), seguido de Puebla (1980). Estes encontros caracterizam a Igreja Católica Apostólica Romana com uma postura progressista: a “opção preferencial pelos pobres” e a preocupação com os “deserdados da terra”, resultado de um conjunto de fatores históricos, eclesiásticos, sociais e políticos.

Com o golpe militar de 1964, as lutas populares sofreram violenta repressão. Nesse mesmo ano, o presidente Marechal Castelo Branco decretou a primeira Lei de Reforma Agrária no Brasil: o Estatuto da Terra. Elaborado com a visão progressista de mexer na estrutura fundiária do país, ele jamais foi implantado e se configurou como um instrumento estratégico para controlar as lutas sociais e desarticular os conflitos por terra. As poucas desapropriações serviram apenas para diminuir os conflitos ou realizar projetos de colonização, principalmente na região amazônica.

Nos anos da ditadura, apesar das organizações que representavam as trabalhadoras e trabalhadores rurais serem perseguidas, a luta pela terra

continuou crescendo. Foi quando começaram a ser organizadas as primeiras ocupações de terra, não como um movimento organizado, mas sob influência principal da ala progressista da Igreja Católica, que resistia à ditadura. Foi esse o contexto que levou ao surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT – Linha 6 da CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), em 1975. Ela nasce da prática de igrejas envolvidas contra a violência que atingia comunidades de indígenas e de posseiros na Amazônia.

Evitando ser um movimento, para não repetir experiências anteriores e para não substituir iniciativas e organizações autônomas dos trabalhadores, ela deveria ser uma Comissão: um serviço em favor do crescimento da articulação, proporcionando as assessorias necessárias, promovendo a dinamização dos trabalhos pastorais em favor das comunidades camponesas da região. (CPT, 1997, p. 35)

A CPT contribuiu para manter sempre à luz a opção da igreja pelos pobres, os pobres do campo e pelas formas de violência específica a que estava submetida à população rural no Brasil: trabalho escravo, assassinato de lideranças, grilagem de terras, denúncia às injustiças. Aqui, pastoral se entendia como anúncio e denúncia.

Se a cultura da indiferença, promovida pelo mercado total e absoluto, estiver contaminando o coração do povo, e mesmo dos excluídos, um serviço evangélico existe para lembrar, para reconvocar para o caminho que Deus destinou à humanidade. E sendo um anúncio, haverá os que o sentirão como uma denúncia. (CPT, 1997, p. 29)

A primeira metade dos anos 80 foi um período muito rico da história e da luta popular no Brasil. Surgem a CUT (Central Única dos Trabalhadores), o PT (Partido dos Trabalhadores) e o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), além de diversos grupos de assessoria que aos poucos foram sendo conhecidas como organizações não-governamentais. “A mobilização popular terminará por deslegitimar definitivamente a ditadura, através do crescimento das lutas e especialmente por meio do movimento Diretas Já!” (CPT, 1997, p. 50)

“Nesse período, na esfera religiosa latino-americana, há a presença predominantemente do catolicismo” (MADURO, 1981, p. 47) e um catolicismo subordinado à Igreja da Europa.

Contudo, com a Teologia da Libertação e a Conferência de Medellín, a igreja latino-americana assumiu características mais particulares, de acordo com a

realidade dos povos aqui residentes: a opção preferencial pelos pobres. O que se quer? “Uma América Latina sem opressão, sem opressores, sem oprimidos (...) e contribuir para o desenvolvimento das classes populares como classes autônomas e combatíveis” (MADURO, 1981, p. 65), ou seja, a partir da luta.

Em 1980, em uma Assembléia Geral da CNBB, foi aprovado o documento: igreja e problemas da terra, um avanço em termos da doutrina oficial da Igreja:

Condena a terra de exploração, como um mero objeto de especulação e geração de lucros; se define um apoio à terra de trabalho, em vista de seu cultivo para a produção de alimentos; reconhece os trabalhadores do campo como os principais sujeitos das transformações da estrutura agrária e define que a pastoral deve ser um serviço de apoio e de reforço às iniciativas populares. (Conf. CPT, 1997, p. 53)

Dessa forma, a terra é definida como espaço de reprodução da vida. Ganha legitimidade uma maneira diferente de compreender a terra, a partir de relações distintas com a natureza e com o próprio trabalho:

A terra tem um significado diferente para os povos oprimidos e para o mundo capitalista que se apropria dela com o fim de satisfazer seus próprios interesses e que a olha como mercadoria e como meio de acumulação de capital. Para os racialmente oprimidos de todo o mundo a terra é vida. (SOUZA e CARAVIAS, 1988, p. 354)<sup>3</sup>

Nesta perspectiva, podem-se distinguir dois conceitos de terra: terra de trabalho e terra de negócio. A terra de trabalho seria aquela utilizada na produção familiar, que garante as condições básicas de cidadania para os camponeses. A terra de negócio serve para explorar o valor da propriedade no mercado imobiliário, ou seja, não se destina à produção nem cumpre qualquer função social.<sup>2</sup>

Portanto, o Brasil vivia numa conjuntura de extrema luta pela abertura política, pelo fim da ditadura e de mobilizações operárias nas cidades. Foi um período intenso de mobilizações e de reflexão sobre os fundamentos da teologia da libertação. Tal teologia adquiria características de união entre fé e vida. Através das comunidades, também chamadas de Comunidades Eclesiais de Base, eram

---

<sup>3</sup> A partir desta distinção de conceitos, parafrazeando um texto escrito pelo poeta cearense Patativa do Assaré: Esta terra é desmedida e devia sê comum, devia sê repartida um taco pra cada um, mode morá sossegado. Eu já tenho imaginado que a baixa, o sertão e a serra devia sê coisa nossa; quem não trabàia na roça que diabo é que qué com terra? (BALOARTE, *apud* PORTELA e FERNANDES, 2004, p. 44)

realizadas as reflexões a partir de textos bíblicos nos quais se buscava iluminação para compreender a realidade e tomar decisões segundo a palavra de Deus.

Em janeiro de 1984, em Cascavel, no Paraná, ocorreu o primeiro encontro de trabalhadores rurais, semeado e articulado pela Pastoral da Terra. Nesse encontro, foi reafirmada a necessidade da ocupação como uma ferramenta legítima das trabalhadoras e trabalhadores rurais. A partir daí, começou-se a pensar um movimento com preocupação orgânica, com objetivos e linha política definidos.

Tal movimento foi o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Para a Pastoral da Terra, o surgimento do MST permitia o avanço da luta por reforma agrária, fora da tutela, dos limites da igreja católica. Por isso, era importante que o MST assumisse seu aspecto laico, embora tenha nascido da colaboração da igreja.

Em 1985, em meio ao clima da campanha: "Diretas Já", o MST realizou seu primeiro Congresso Nacional, em Curitiba, no Paraná, cuja palavra de ordem era: "Ocupação é a única solução". Neste mesmo ano, o governo de José Sarney aprovou o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), que tinha por objetivo dar aplicação rápida ao Estatuto da Terra e viabilizar a Reforma Agrária até o fim do mandato do presidente, assentando 1,4 milhões de famílias. Mais uma vez a proposta de Reforma Agrária ficou apenas no papel. O governo Sarney, modificado com os interesses do latifúndio, ao final de um mandato de 5 anos, assentou menos de 90 mil famílias sem-terra. Ou seja, apenas 6% das metas estabelecidas no PNRA foram cumpridas por aquele governo.

Com a articulação para a Assembléia Constituinte, os ruralistas se organizam na criação da União Democrática Ruralista (UDR) e atuam em três frentes: o braço armado - incentivando a violência no campo -, a bancada ruralista no parlamento e a mídia como aliada. Os ruralistas conseguiram impor emendas na Constituição de 1988, ainda mais conservadora do que o Estatuto da Terra.

Porém, nessa Constituição os movimentos sociais tiveram uma importante conquista no que se refere ao direito à terra: os artigos 184 e 186. Eles fazem referência à função social da terra e determinam que, quando ela for violada, a terra seja desapropriada para fins de Reforma Agrária. Esse foi também um período em que o MST reafirmou sua autonomia, definiu seus símbolos, bandeira, hino. Assim foram se estruturando os diversos setores dentro do Movimento.

A eleição de Fernando Collor de Melo para a presidência da República, em 1989, representou um retrocesso na luta pela terra, já que ele era declaradamente contra a Reforma Agrária e tinha ruralistas como seus aliados de governo. Foram tempos de repressão aos Sem Terra, despejos violentos, assassinatos e prisões arbitrárias. Em 1990, ocorreu o II Congresso do MST, em Brasília, que continuou debatendo a organização interna, as ocupações e, principalmente, a expansão do Movimento em nível nacional. A palavra de ordem era: "Ocupar, resistir, produzir".

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso venceu as eleições com um projeto de governo neoliberal, principalmente para o campo. Foi o momento em que se priorizou novamente a agro-exportação. Ou seja, em vez de incentivar a produção de alimentos, a política agrícola estava voltada para atender aos interesses do mercado internacional e para gerar os dólares necessários para pagar os juros da dívida externa.

No ano seguinte, o MST realizou seu III Congresso Nacional, em Brasília. Cresceu a consciência de que a Reforma Agrária é uma luta fundamental no campo, mas que se não for disputada na cidade nunca terá uma vitória efetiva. Por isso, a palavra de ordem foi "Reforma Agrária, uma luta de todos".

Já em 1997, o Movimento organizou a histórica "Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária", com destino a Brasília, com data de chegada em 17 de abril, um ano após o massacre de Eldorado dos Carajás, quando 21 Sem Terra foram brutalmente assassinados pela polícia no Pará.

Em agosto de 2000, o MST realiza seu IV Congresso Nacional, em Brasília, cuja palavra de ordem foi "Por um Brasil sem latifúndio" e que orientou as ações do movimento até hoje.

O Brasil sofreu 8 anos com o modelo econômico neoliberal implementado pelo governo FHC, que provocou graves danos para quem vive no meio rural, fazendo crescer a pobreza, a desigualdade, o êxodo, a falta de trabalho e de terra. A eleição de Lula, em 2001, parecia representar a vitória do povo brasileiro e a derrota das elites e de seu projeto. Porém, essa vitória eleitoral não foi suficiente para gerar mudanças significativas na estrutura fundiária e no modelo agrícola. Assim, tornam-se necessário promover, cada vez mais, as lutas sociais para garantir a construção de um modelo de agricultura que priorize a produção de alimentos e a distribuição de renda.

Nos 23 estados em que o Movimento atua, a luta não é só pela Reforma Agrária, mas pela construção de um projeto popular para o Brasil, baseado na justiça social e na dignidade humana. Seu papel como movimento social é continuar organizando os pobres do campo, conscientizando-os de seus direitos e mobilizando-os para que lutem por mudanças.

Concluindo, pode-se dizer que o MST nasceu herdeiro da teologia de libertação, buscando mobilizar, apoiar e acompanhar os que lutam pela terra. Portanto, a experiência religiosa, acompanhada pelas necessidades de sobrevivência e vida digna para os trabalhadores rurais motivou vários grupos de famílias a partirem para a terra prometida. Isso aconteceu, também, com as famílias do Conquista na Fronteira: incentivados pela Igreja e amparados pelo MST, fazem 20 anos de história, juntos!

A igreja, ao polarizar terra de trabalho e terra de especulação, introduziu para dentro dos debates da reforma agrária a noção de direito dos pobres. O direito dos pobres à terra figura como condição de reprodução da vida e vida digna. É um preceito bíblico que a igreja, especificamente nos discursos da teologia da libertação, formula como um argumento moral, para cobrar mais justiça e igualdade nas questões fundiárias. Com este discurso moral, baseado na visão bíblica, o discurso da igreja se aproxima da visão de direito do camponês, que é uma visão moral, e confere legitimidade à luta por terra porque é direito dos pobres.

A terra é mais do que negócio, mais do que especulação: é vida! Contudo, o discurso não se satisfaz no moralismo. A novidade aqui é que, a partir da teologia da libertação, adota-se uma postura crítica diante da conjuntura agrária, com discurso profético. Um discurso que, questionando as estruturas do poder, mobiliza os camponeses, tirando-os da postura do conformismo e da espera passiva de que algum patrão ou governo algum dia removesse a desigualdade no campo. Nesse sentido a igreja, especialmente o discurso da teologia da libertação e a prática da pastoral da terra, começa a ser “fermento na massa”, legitimidade e traz indignação, que se concretiza nas ocupações de terra e na fundação dos movimentos que farão frente à concentração fundiária e ao poder oligárquico.

## 4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Como elemento fundamental deste estudo, foi desenvolvida uma pesquisa de campo envolvendo a parte das famílias assentadas do Assentamento Conquista na Fronteira. Foi utilizada a pesquisa qualitativa, por meio da entrevista narrativa (FLICK, 2004, p. 110), o que, na experiência das entrevistas no Assentamento Conquista na Fronteira, se expressou em relatos de *histórias de vida* dos informantes<sup>4</sup>.

Num primeiro momento, para a descrição do objeto de pesquisa, foi utilizado como referencial teórico uma abordagem sociológica de Marx e de Durkheim. Em seguida, foi realizada uma pesquisa exploratória para definir o marco referencial, o universo do fenômeno religioso presente no Assentamento Conquista da Fronteira.

Para a obtenção dos dados, foi utilizada a técnica da narrativa das histórias de vida, criando uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado.

Na entrevista narrativa, pede-se ao informante que apresente, em uma narrativa improvisada, a história de uma área de interesse da qual o entrevistado tenha participado (...). A tarefa do entrevistador é fazer com que o informante conte a história da área de interesse em questão como uma história consistente de todos os eventos relevantes, do início ao fim. (HERMANN, 1995, p. 183, *apud* FLICK, 2004, p. 110)

O relato das histórias de vida seguiu os passos da entrevista narrativa. Por isso, ela foi iniciada com a utilização de uma “questão gerativa narrativa” (Riemann e Schütze, 1987, p. 353, *apud* Flick, 2004, p. 210), referindo-se ao tópico de estudo, com a finalidade de estimular a narrativa principal do entrevistado: a história de sua vida sob o olhar das práticas religiosas presentes na sua vida pessoal, familiar e no Assentamento Conquista na Fronteira, relacionando-as com a luta pela terra.

Para o relato das experiências de vida foram ouvidos dez informantes, sendo oito assentados e residentes no Assentamento, um que fora

---

<sup>4</sup> De acordo com Stake (1983), no método de pesquisa qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador como o instrumento principal e não um mero relator passivo. Portanto, ela tem um caráter descritivo.

assentado e que mora em outro lugar por questões de trabalho e, por último, um líder religioso (Padre).

Na seqüência, a pesquisa de campo seguiu pelo estágio de aprofundamento da narrativa, no qual o pesquisador interveio na entrevista, buscando completar os fragmentos que antes não haviam sido exaustivamente detalhados.

Nesse processo, os dados do último informante (especialista), foram obtidos através de um questionário fechado, por escrito, de doze questões. Os demais dados foram gravados e transcritos na íntegra.

Acompanhadas das entrevistas, a pesquisa também contou com a observação do espaço onde são realizadas as celebrações, da realidade no interior das casas, dos símbolos religiosos.

Para auxiliar no conhecimento do processo de ocupação e organização do Assentamento, também foi necessário verificar materiais referentes à sua história já escrita. Nesta análise, há ausência de fontes escritas referentes à experiência religiosa dos assentados no Conquista na Fronteira.

Os dados obtidos nas entrevistas foram sistematizados, adotando a metodologia de *análise de discurso* (BOGDAN E BICHLEN, 1994, p. 221ss), que visa um processo consecutivo de redução e síntese das narrativas, primando pela criação de categorias que explicitam o universo semântico e interpretativo em torno do objeto de pesquisa. São elas: 1) Direito de terra; 2) Espaço sagrado; 3) Religião institucional X popular; 4) Realidade mística; 5) Utopia ou alienação; 6) Função da religião.

Tais categorias foram parafraseadas resultando nos seguintes subtítulos que compõe o capítulo 4 e que correspondem às unidades temáticas: se a terra é de Deus, a terra é de todos; símbolos que se tornam memória; fé institucionalizada ou fé popular? A mística dos assentados; utopia ou alienação religiosa? Há função social da religião entre os assentados?

Porém, antes de discorrer sobre cada uma das categorias referentes ao fenômeno religioso presente no Assentamento Conquista na Fronteira, faz-se necessário apresentá-lo no seu contexto histórico imediato.

## 4.1 Breve histórico do Assentamento Conquista na Fronteira



A história do Conquista na Fronteira começou no dia 25 de maio de 1985, quando houve a primeira ocupação de terras no Estado de Santa Catarina. Foram mais de 1700 famílias que saíram de seus municípios, da região oeste de Santa Catarina para acampar em Chapecó e São Miguel do Oeste.

Com o auxílio dos Movimentos Sociais, especificamente do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e da CPT (Comissão Pastoral da Terra), muitas pessoas se conscientizaram do seu direito à terra.

Em janeiro de 1985, na Diocese de Chapecó/SC, foi realizado o primeiro congresso, com a decisão de ocupar as terras. Dom José Gomes, Bispo Diocesano, comentou: “as famílias não estão preparadas, haverá conflitos e, por isso, esperem mais um ano”. (Marckus). Contudo, em maio do mesmo ano as famílias passaram a ocupar terras e o Bispo reuniu lideranças e padres a fim de apoiarem o fato.

Nesta primeira ocupação estavam 1.600 famílias. Durante 1 ano e 3 meses foram para 7 áreas. “As informações que chegavam dos que eram

assentados eram sempre negativas. O governo não dava condições financeiras. Muitos eram obrigados a venderem seus lotes”. (Marckus). Daí vem a famosa expressão: eles só querem a terra para vender!

Em 1988, um fazendeiro teve sua terra hipotecada, passando aos cuidados do Banco do Brasil. Era uma área de 1.198 km, hoje denominada Assentamento Conquista na Fronteira.

Concomitante a isso, o grupo de famílias, posteriormente assentado em Dionísio, ao longo de três meses de acampamento foi gerindo um processo de discussão e estudo sobre a organização coletiva. Como resultado, o MST conseguiu negociar com o INCRA e a Prefeitura de Dionísio Cerqueira que aquela área fosse destinada para grupos coletivos. Esse acordo foi necessário também pelo fato de que as autoridades desse município queriam assentar na área 25 famílias de sem-terra locais. Assim, em 24 de junho de 1988, foram assentadas 60 famílias: 35 organizadas pelo MST e 25 provenientes de comunidades muito pobres do município.

Foi sobre forte neblina que no dia 24 de junho de 1988 chegamos e entramos na área, vindos dos diferentes grupos do acampamento. Éramos famílias que já tínhamos uma trajetória conjunta de mais de três anos no acampamento e que trazíamos um acúmulo de discussão e amadurecimento ao chegarmos na área. O outro grupo de famílias, que vieram de comunidades do interior do município não tinham a vivência de coletivo. Algumas dessas foram de certa maneira trazidas ao assentamento como forma das comunidades “se livrarem” das mesmas, uma vez que eram extremamente pobres, com muitos filhos e com vários problemas em decorrência do processo de exclusão a que foram submetidas. (MST, 2000, p. 8)



Por esta porteira as famílias adentraram a fazenda – área onde foram assentadas.

Com isso, das centenas de famílias que lutaram pela terra, muitas estão hoje colhendo os frutos de um sonho que começou nos acampamentos. Segundo dados do Incra e da Secretaria Estadual do MST de Santa Catarina, em maio de 2001 eram 113 assentamentos, 4.692 famílias assentadas e 78.666,698 hectares de terras destinadas a assentamentos.

Do Estado de Santa Catarina vieram, dentre outras, 35 famílias que acreditaram na força que se adquire quando os (as) trabalhadores (as) estão organizados. Para essas pessoas a união faz a força. Foi pela união que conseguiram conquistar a terra e, mais do que isso, o meio pelo qual aprenderam, dia após dia, a construir um novo jeito de viver.

Todas as famílias eram da Igreja Católica. Isso ajudou a nós se organizar. Já no tempo de acampamento a gente fazia planos de comprar uma trilhadeira, um trator, para beneficiar a todos. Chegamos aqui com a cabeça feita, pois nós refletia sobre os problemas e o que era prioridade quando nós fosse assentado. Crescemos muito no nível de consciência e por isso é que deu certo! De Taiópolis, viemos em 35 famílias (17 solteiros e 18 casados). (Fermino)

Seu Fermino destaca que quando todas as famílias eram da igreja católica essa identidade na formação possibilitou sua organização. A maneira de pensar referente à posse, a distribuição e o uso dos bens estava pautada na partilha e na cooperação. Assim, ao chegarem à área, olhando as condições que a terra oferecia, perceberam que algumas famílias teriam desvantagens em relação às outras e, por isso, entraram num consenso de que era melhor reunir o grupo - trabalhar em coletivo.

Contudo, para formar um coletivo, é necessário que a pessoa tenha consciência, aceite a opinião dos outros e, na discussão, começaram a peneirar pessoas. “Muitos queriam vir junto, mas com outros objetivos e nós não queríamos esse tipo de coisa”. (Fermino) Nesse sentido, escolheram quem tinha a consciência de coletivo.

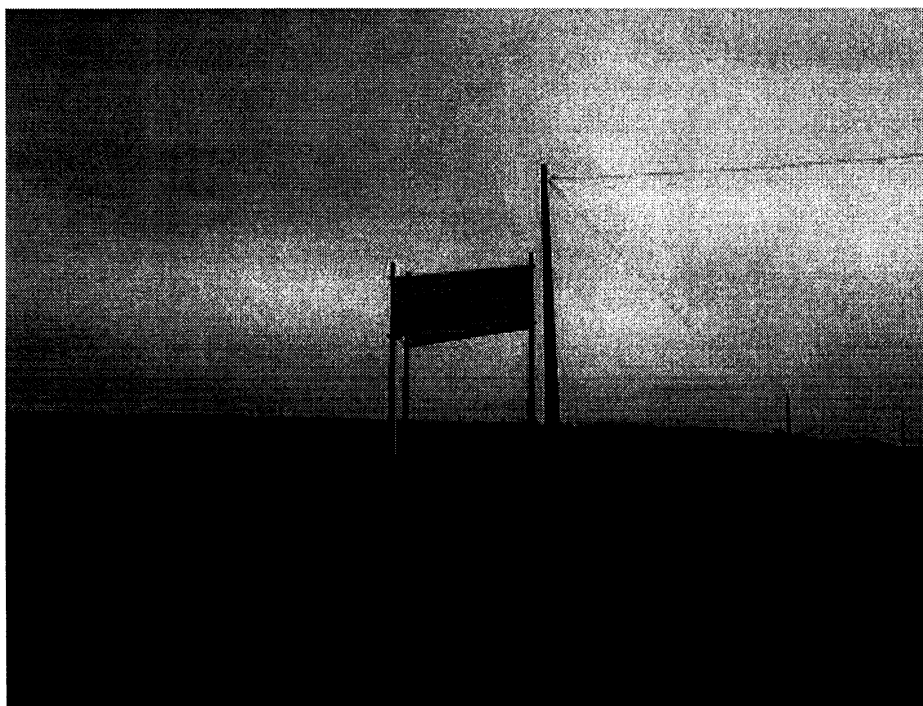
Assim, este grupo percebeu que a organização coletiva aprendida no acampamento, deveria ser a forma de conceber a vida no assentamento.

O que tem aqui é o princípio do coletivo! Mesmo que algumas famílias já saíram e outras que poderão a sair, o coletivo vai se manter. Esse é um princípio e as pessoas vão defender. Hoje se pega uma família de fora a não ser que já tenha feito parte de acampamentos, que conhece a luta e tem noção de uma vida em comunidade; que ela precisa se esforçar porque

o que tem no Assentamento não foi uma coisa dada, mas uma conquista e uma construção de todos que aqui moraram e moram; nada foi dado de graça, é fruto do trabalho e das famílias que moram aqui. Cada um tem uma parte! (Jacir)

Tal realidade faz lembrar o livro bíblico dos Atos dos Apóstolos, que narra a experiência de um coletivo, presente nas comunidades primitivas cristãs: a prioridade é o bem comum, se deve zelar e cuidar do que é de todos, sem tirar proveito próprio.

Como passos da organização, primeiramente foi pensado na produção para subsistência, depois para comercialização e por último para industrialização. Em 1989, houve a criação do Regimento Interno. Depois de 2 anos de assentamento, no dia 01 de outubro de 1990, houve a fundação da Cooperunião. Em 1994, aconteceu a unificação dos dois grupos (do MST e do Município).



Esta placa se encontra à beira da BR que liga o Brasil com a Argentina.

Quando em 1985 surgiram os primeiros assentamentos no oeste de Santa Catarina, o MST começou a se organizar nesta região. Depois de 3 anos é que surgiu o assentamento Conquista na Fronteira. Na verdade, as primeiras lideranças foram formadas dentro deste trabalho das igrejas, principalmente da Igreja Católica, através dos núcleos de base. "Aí eu comecei a me envolver e fazer

parte, daqui a pouco já estava ajudando a organizar, fazendo parte da liderança e das ocupações no oeste de Santa Catarina”. (Jacir)

Nesse meio tempo, eu sempre participei de futebol, de grupo de jovens, da organização da comunidade e, quando eu já tinha uma filha, se começou a discutir a retomada da luta pela terra. Como eu participava da igreja, o padre da comunidade pediu se eu não queria fazer parte dessa luta, a organizar o povo, juntamente com um pastor da Igreja luterana. Eu aceitei e começamos a organizar o povo. Em 1985, nós ocupamos a fazenda dos “Braganholi”, na região de Caibi, Riqueza, Mondai; o pessoal acampou em São Miguel do Oeste, em Abelardo Luz. Começamos a pressionar o governo e nós fomos para um grande acampamento, de 525 famílias, na região de São Miguel, em Bandeirantes, hoje município. (Neudy)

Seu Neudy é filho de pequeno agricultor cujo pai tem história na luta pela terra no Paraná e no oeste de Santa Catarina. Desde a infância, acompanhou o pai na luta pela terra. Com 10 filhos, o pai vendeu a pequena propriedade que tinha no Paraná e foram para o Município de Palmito-SC. Foi dali que ele começou a participar de organizações do povo em busca da terra. Ele contou que tinha uma leva de pequenos agricultores que tinham a terra como grande alternativa. Muitas famílias, com 10, 12 filhos, com apenas 5 ou 6 alqueires de terra. Então, “nós íamos lá e convencíamos eles de que tinham que lutar pela terra. Na região, a maioria era católico”. (Neudy)

Um dos que ajudou nessa tomada de consciência foi o Bispo Dom José, que fora perseguido, por isso, pelos fazendeiros, pela imprensa, pelos ricos, pelos poderosos.

Nós temos uma pessoa interessante, uma figura histórica, que é Dom José Gomes. Ele acompanhou a gente no acampamento, brigando. Por isso é que eu admiro a igreja católica e a igreja luterana – quantas vezes nós estávamos empurrando caminhão atolado cheio de gente, e criança chorando, de repente a gente via um senhor de pé descalço e a calça arremangada e de repente a gente ouvia dizer que era tal padre, da tal paróquia. Então isso que é importante. (Neudy)

Um outro desafio encontrado entre as igrejas cristãs no que se refere à maneira de organizar uma comunidade foi a realidade das igrejas pentecostais. Seu Neudy contou que, no seu trabalho de frente de massa, percebeu que foram várias as igrejas entrando nos bairros pobres, nos meios onde viviam as pessoas mais miseráveis, convencendo-as de que bastava acreditar em Deus. Isso começou a criar divergências e a refletir dentro do movimento.

Muitas vezes a miséria começa a entrar nas famílias e onde é que eles vão se apegar? Vão se apegar em Deus. Aí tem um louco de um pastor que vai lá e diz que se eles continuarem crendo na igreja evangélica, pá, pá, pá e toda aquela história, ele vai chegar um dia que vai ter tudo o que precisa, não percebe que por trás disso os pastores estão tirando; eles levam o boleto na mão do cara e dizem: contribui que Deus vai te ajudar. E a pior coisa é quando o povo se apega a essas religiões loucas! Assim começa a criar uma outra ala, um outro grupo que começa a colocar a política no meio e a acreditar nos partidos do PFL, PP,... nos partidos de direita. E um projeto diferente você cria com políticos honestos, sérios e nós precisamos ter políticos dentro da religião, Jesus mesmo foi um político.

No Assentamento uma família evangélica (da Assembléia de Deus) ficou apenas 3 meses. O marido era agressivo com a mulher e esta com os filhos. Os membros do assentamento quiseram intervir e a família não aceitou; fingiu uma separação e foram embora. “Nós valorizamos a família e não aceitamos violência”. (Márcia)

Durante o tempo no acampamento a religião era uma realidade forte e importante entre as famílias. Elas tinham os momentos de oração, presidida pelos agentes leigos, chamados de ministros, bem como a visita de padres, que faziam os batizados, celebravam a missa no final do mês e das irmãs (religiosas), que visitavam as famílias nas casas, nos barracos e levavam roupa, comida. Conta ainda a senhora Nilva que, além da igreja católica, representada pela figura do padre e das irmãs, a igreja luterana, bem como outras igrejas, visitava as famílias e fazia doações.

#### **4.1.1 Dezenove anos de assentamento sem capela**

Um fato surpreendente durante a pesquisa foi constatar que o Assentamento Conquista na Fronteira, hoje com seus 19 anos de fundação, e com uma boa infra-estrutura comunitária instalada, não possui capela. Normalmente as comunidades, os povoados e, conseqüentemente as cidades no Brasil, se organizaram em torno de uma praça com uma capela, como se a manifestação da fé institucionalizada estivesse no centro da organização da vida dos que ali residissem.

Contudo, o que se percebe no Assentamento é que essa lógica mudou, que os padrões da formação da comunidade foram pautados, primeiramente, pela sobrevivência das famílias.

O motivo seria de que o grupo compreende que tendo fé, sendo pessoa católica, respeitando a religião, a reza vale em qualquer ambiente. Outro motivo seria de que, por terem poucas condições financeiras, a primeira coisa foi pensar na sobrevivência – sem comida não tem coletivo. (Nilva)

Com isso, as famílias fazem as celebrações no pavilhão comunitário do assentamento (“clube”). No início, as celebrações eram realizadas à sombra de uma árvore, cambuatã, na lavoura, no rio. O senhor Fermino acredita que “... logo, logo, será construída uma capela no interior do Assentamento Conquista na Fronteira”.

É curioso destacar que as famílias que ali passaram não criaram problema pelo fato de não haver capela, assim como os padres que ainda hoje visitam o Assentamento e presidem as celebrações. É claro que tanto entre os padres como entre as famílias comenta-se a possibilidade de se construir uma capela, mas nisso não há problemas, afirmavam o Sr. Fermino e a Sra. Nilva.

O que nós pretendemos não é construir uma igreja, mas um espaço rústico, de pedra, como uma gruta, madeira roliça, num ambiente bem natural, para as pessoas rezarem, no momento em que elas quiserem. Também seria para quem vem de fora, talvez para pagar promessa, devoção da maioria dos católicos. Poderia colocar São João Batista, padroeiro do Assentamento, colocar alguns símbolos da nossa luta como ornamentação. (Edivar)

Tal situação se justifica pelo fato de que as pessoas que ali residem têm consciência de que religião e fé não são sinônimos de igreja, ou seja, o fato de não se ter uma capela construída não significa que não haja celebração e vivência da fé. Jacir comentou que o motivo pelo qual não haver igreja no Assentamento, seria porque “... não se julga isso como algo mais importante que é a fé das pessoas e a sua participação”.

Não adianta ter uma igreja bonita se as pessoas que fazem parte desta comunidade não se relacionam bem. Todos têm dificuldade, onde às vezes não se entende, mas têm mecanismos para dizer, sim, numa reunião, que não concorda com o companheiro, mas depois continua a mesma coisa, vão continuar a trabalhar junto. Em respeito ao coletivo, as idéias que forem melhor para o grupo é que prevalecem. (Jacir)

Vale salientar que as crianças e adolescentes participam da catequese, a fim de se prepararem para o sacramento da eucaristia e da crisma. Os encontros acontecem a cada 15 dias.

Aos 10 anos a criança inicia a preparação para a primeira eucaristia, cuja duração varia entre um ano e meio a dois anos. A celebração acontece geralmente em maio. Em seguida, ela se prepara para a crisma, que tem a duração semelhante a da eucaristia. Esta celebração acontece no dia do aniversário da fundação do Assentamento – 24 de junho.

Entre os anos de 1995 a 1999, o Assentamento não contou com a presença de padre, como havia sido nos anos anteriores. Na época o padre que atendia ali era de Dionísio Cerqueira, que não apoiava a forma de se viver e a maneira como eram realizadas as celebrações. Nesse tempo não houve celebrações, nem catequese.

Em 1999, o Assentamento passou a ser atendido pelo padre de Palma Sola; ele apoiava o regime ali existente. Como material catequético foi adotado o que vinha da diocese de Chapecó e que era utilizado em todas as paróquias.

Desde dezembro de 2001 o Assentamento voltou a ser atendido pelo padre de Dionísio Cerqueira, Florindo Canton. Segundo os assentados, ele respeita a forma de vida deles. Dizem que ele sugeriu que se voltasse a ser utilizado o material catequético preparado pela CPT (Comissão Pastoral da Terra), já utilizado antes de 1995. O conteúdo deste material está voltado para a história do Assentamento e da luta pela terra. Segundo um dos catequistas, João, hoje eles buscam relacionar o conteúdo da catequese e dos textos bíblicos com a realidade local. Nesse processo, os envolvidos se identificam com a situação do povo hebreu, que deixou a escravidão do Egito e partiu para encontrar a terra prometida, conquistando-a.

Quanto à juventude, há mais ou menos 40 jovens a partir de 15 anos. Eles são divididos em 4 núcleos de base, de 10 a 11 jovens: da mística, da formação, da comunicação, da ornamentação e do embelezamento. Cada grupo tem um coordenador e uma coordenadora que são revezados anualmente. Cada grupo faz sua programação, que vai desenvolvendo durante o ano.

Contudo, há certa preocupação no sentido de uma maior participação dos jovens junto à comunidade.

Têm muitas pessoas que moram aqui e não participam, principalmente jovens. Talvez tenha acontecido o que aconteceu comigo: eu fui aprendendo e construindo os valores com a participação coletiva, com o

envolvimento com as pessoas e a própria participação minha na organização, onde hoje faço parte de uma equipe. Agora, têm outros jovens que não participam, onde a própria família não trabalhou isso, não se interessa com a questão da religião, também não estão inseridos no processo organizativo da Cooperativa, não entendem toda essa complexidade ou que estão amadurecendo, devido á própria idade. Muitas vezes eles não estão nem aí, mas talvez não seja devido á falta de abertura, porque tem. Por mais que a gente não tenha igreja, a gente tem toda a vivência coletiva que é uma forma da expressão da religião. (Anderson)

De fato, entre os assentados do Conquista na Fronteira, é reforçada a concepção de que é necessária a união entre fé e vida, que isso independe da presença de uma capela, mas conta essencialmente com a união entre o grupo.

#### **4.1.2 O coletivo e a comunidade religiosa**

Ainda que no Regimento Interno do Conquista na Fronteira não se faça referência sobre dois aspectos da vida de uma comunidade - o envolvimento político e a religião que cada um professa -, pode-se observar como são organizados os trabalhos, o lazer, a formação, inclusive a questão da prática religiosa: celebrações, rezas, catequese. Contudo, nesse processo, há também alguns conflitos.

Na verdade o ser humano tem necessidades materiais e espirituais. Portanto, a cooperativa busca oferecer condições para melhorar as condições de trabalho e as condições de vida. Quando estavam no acampamento, ter a terra era o suficiente, depois precisava ter comida, ter produção, uma casa que não chovesse dentro já era suficiente, e assim, depois dá para comprar um carrinho e assim por diante, normal no ser humano. Mas também tem o lado mais espiritual, mais subjetivo e esse talvez seja um dos grandes desafios das comunidades coletivas. Quando você está no coletivo você tem regras e normas que tem que ser estabelecidas porque senão você não consegue viver – isto está resolvido. Agora, como é que resolve a questão da individualidade, por exemplo, você não vai deixar a pessoa trabalhar num trabalho que ela não se sinta bem. Até que agora cada um já está trabalhando onde se identifica mais. (Jacir)

Seu Jacir também comentou que no coletivo é necessário estar constantemente discutindo; por isso, reunião não falta! Tem grupo de jovens, tem muita festa, tem oportunidade de viajar, num rodízio para que diferentes pessoas possam conhecer outros lugares, participar de eventos.

Em relação à juventude, há alguns conflitos: a cooperativa possibilita que os jovens estudem, mas depois nem todos querem voltar para o

assentamento, por se identificarem com outras coisas. Diante disso, alguns assentados questionam o sentido de compromisso com o investimento do movimento. Jacir defende que:

De maneira nenhuma essa pessoa se perdeu, porque se você conseguiu dar oportunidade, que você formou mais um cidadão, que é mais uma pessoa que tem uma mente mais aberta, uma consciência que está para defender essa causa, ele não precisa necessariamente morar no Assentamento. Eu mesmo enfrentei dificuldades, onde muitos diziam que eu havia traído, mas eu não mudei de maneira alguma em relação aos movimentos Sociais, a luta, a consciência ecológica, só estou em outro espaço, se tiver oportunidade, vamos estudar! (Jacir)

Se o estudo é uma necessidade reconhecida por todos, a religião figura como uma questão pessoal, na qual o coletivo não interfere. Independente da opção religiosa, a pessoa que está ali é membro do coletivo. Esse é um princípio de respeito entre os assentados.

Quando tem uma celebração o pessoal fica livre para ir ou não. Se alguém quiser rezar na casa de alguma família, também é livre, mas não é comum. As famílias se reúnem para fazer várias atividades de antigamente, como recuperar a tradição da Festa de Reis, para fazer uma cantoria, fazer uma galinhada, tomar um vinho, entre famílias que se identificaram mais. E ainda, quando os caboclos ou outras pessoas que são devotas de Nossa Senhora Aparecida e que, no dia 12 de outubro, por exemplo, é um dia importante, o coletivo não vai dizer que elas têm que trabalhar neste dia. (Fermino)

Mesmo que não seja condição para uma família estar no Assentamento Conquista na Fronteira, hoje, das 57 famílias ali residentes, apenas uma é de origem Luterana, que participa normalmente das celebrações, inclusive a mãe é catequista. “Nós não tivemos dificuldades de nos adaptar aqui, porque a Igreja Luterana é parecida com a Igreja Católica. Se a gente se reúne para tantas coisas, também deve se reunir para celebrar!” (Ivone)

Neste espaço, o coletivo é alternativo. Aqui não corre leite e mel, é preciso fazer a caixa, buscar as abelhas para fazer o mel; cavocar a terra e fazer um poço. Muitos pensam que no coletivo não precisa trabalhar, mas tem que trabalhar mais, além de produzir tem que trabalhar a organização, respeitar o comportamento de cada um e para isso precisa se preparar, caso contrário, haverá brigas e, em junho, nós vamos fazer 19 anos! (Neudy)

Neste sentido, a forma das famílias se organizarem, interna e externamente no assentamento, foram e são caracterizadas por princípios cristãos.

Ou seja, mesmo que o regimento interno deixe de lado a questão religiosa, colocando para o lado particular, no inconsciente coletivo há fundamentos religiosos. Um se preocupa com o outro: “um só coração e uma só alma!” É a transformação da fé em obras! “A religião, para mim, é uma coisa muito legal. Ela é uma coisa que mantém o povo unido”. (Fermino)

## **5 ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DOS ASSENTADOS NO CONQUISTA NA FRONTEIRA**

Através da experiência religiosa dos assentados no Conquista na Fronteira transparece, pelo universo semântico, que é socialmente constituído e revela a visão de mundo deste grupo, seus valores, o que é sagrado, por exemplo.

Este universo será apresentado em categorias, uma narrativa possível, de autoria da pesquisadora.

### **5.1 Se a terra é de Deus, a terra é de todos!**

Como já foi citado no início do primeiro capítulo, a luta pela terra é uma realidade presente desde os tempos remotos. Também na Bíblia, livro sagrado que conta a experiência do povo com Deus, são encontradas experiências de libertação da exploração, de busca e conquista da terra. E, nesse processo, os homens sentiram a presença de Deus agindo na sua história!

Assim também foi a experiência das famílias que residem no Assentamento Conquista na Fronteira: uma experiência de sonhos, lutas, conquistas, conflitos, contradições, satisfações... Portanto, o que será escrito referente à experiência destas famílias mostrará que, para elas, a religião é vivenciada como uma forma de iluminar e compreender a realidade.

Segundo Demartini (*apud* VENDRAMINI, 2000, p. 154), os movimentos sociais surgidos no oeste de Santa Catarina, entre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, têm sua origem ligada à desestruturação do sistema tradicional de produção agrícola vigente e às práticas pastorais desencadeadas pela diocese de Chapecó. O discurso crítico veiculado pela Igreja,

através da CPT e dos grupos de jovens e de reflexão foi um meio que possibilitou novas interpretações da realidade.

Tais críticas permitiram compreender o que é o direito dos pobres e nisto a legitimidade da tomada da terra, que é de Deus e, por isso, de todos; que a terra é sinônimo de vida, de sobrevivência!

Para nós, uma área improdutiva seria uma área que não está cumprindo sua função social. Por exemplo: um fazendeiro com uma área de 10 mil hectares, tendo 50 bois em cima. Para ele, a terra é produtiva; agora, para as famílias que não têm terra para trabalhar, do ponto de vista social, essa terra é improdutiva. Já está escrito na constituição: a terra tem que cumprir sua função social. A terra está aí para se produzir alimento. Aqui é que surgem os conflitos: os fazendeiros querem, a todo o custo, os direitos que também está assegurado na constituição de direito de propriedade e por outro lado está o direito de toda pessoa sobreviver, que está acima de qualquer outro direito. Quando a pessoa se sente no direito de garantir a vida ameaçada, é legítimo que você faça a ocupação de uma área improdutiva, mesmo que a lei garanta o direito da propriedade, o primeiro é que todo cidadão tem direito a vida. Essa é uma lei divina que todos têm direito à vida, e vida em abundância. E quando esta vida está ameaçada, justifica você a fazer uma ação mais violenta, mais radical, ocupar uma terra que seria um ato extremo, é último recurso, pois vai pela negociação, mas quando isso não é possível, acontecem as ocupações. Então, ocupar o latifúndio seria uma ação bem concreta e é por isso que tem toda uma reação. (Jacir)

Jacir ainda afirma que hoje a sociedade compreende mais o Movimento Sem Terra. Foi provado para a sociedade que aquilo que se dizia de que as terras eram para fazer reproduzir, se provou na prática, através das cooperativas, das agroindústrias, dos assentamentos. Isso possibilita que muitas famílias possam viver com dignidade, ter suas casas, suas comunidades. “O sonho de qualquer pessoa que vive no campo é ter um pedacinho de chão, que é sua referência, sua comunidade; dela se tira os alimentos”. (Jacir) Isso deixa claro que a visão de terra do camponês supera a idéia de terra como especulação.

Esta realidade também foi a experiência da família de seu Fermino e da senhora Nilva. Natural de Xanxerê/SC é uma das famílias que reside no Assentamento Conquista na Fronteira desde 16/08/1988. Depois de 4 mudanças, num período de 3 anos e meio como acampados, foram assentados nas terras do INCRA, no Município de Dionísio Cerqueira, oeste de Santa Catarina. “O INCRA tirava nós de um lugar e colocava em outro”. (Fermino)

Contava seu Fermino que sua família era católica, pobre e que ele sempre desejava dar terra aos seus filhos a fim de que eles tivessem melhores

condições de sobrevivência e não depender das burocracias que existem ainda hoje. Então, motivados pelas palavras de Dom José, Bispo da Diocese de Chapecó/SC, e por um professor do filho mais velho, entraram no Movimento dos Sem Terra, iniciando as ocupações.

Nessa época, na região de Xanxerê, havia colonos sem terra morando na terra dos índios. Alguns colonos pensavam que Dom José quisesse tirá-los daquelas terras, mas ele deixou bem claro: “Deixem os índios, porque tem terra também para vocês; organizem-se e procurem. O direito dos índios é direito deles. Assim, Dom José começou a dar as dicas”. (Fermino)

A senhora Nilva comentou que os índios têm direito a terras e que os colonos tinham que ter fé em Deus que os ajudaria a obter um pedaço de terra a fim de criar a família. A terra que sua família possuía não oferecia condições para a sobrevivência dos 4 filhos (um nasceu durante o tempo em que moravam em acampamentos). No momento, 3 deles residem no Assentamento Conquista na Fronteira, uma filha no assentamento em Bonrejes e o outro filho está num assentamento próximo a Campo Grande/MT.

Seu Fermino comentou, ainda, que diante das dificuldades, as famílias acreditavam na força de Deus; conheciam a Bíblia que mostra que Deus deu a terra de Canaã, onde corre leite e mel, para o povo, mostrando que a terra é de todos, que é sagrada e que quem não tivesse, fosse à luta.

A terra foi uma forte fonte de renda para os poderosos e o esquema para solucionar o problema da pobreza era acabar com os pobres tirando-lhes a terra. Contudo, não conseguiram! A Igreja católica se envolveu e incentivou para que o povo fosse à luta a fim de tirar dela a sobrevivência. “Deus não deixou a terra para negócios, mas para a sobrevivência das pessoas, da família. Se alguém quer, hoje, sair do assentamento, ela leva o direito, mas a terra fica”. Por isso, a terra está ligada à vida da pessoa. (Fermino)

Alicerçada na Teologia da Libertação, a igreja da Diocese de Chapecó também fez diferença na vida de muitas outras famílias, inclusive na de jovens, como é o caso do seu Jacir, filho de agricultor, nascido no interior do município de Chapecó. Sua família era profundamente religiosa no que se refere à participação na igreja. Seu pai fora seminarista, depois ministro da comunidade; a mãe foi fundadora do Movimento de Mulheres Agricultoras.

Desde adolescente, depois como jovem, Jacir sempre se envolveu, participando do início dos grupos de base e da Pastoral da Juventude. Nesses

grupos era discutida a situação dos pequenos agricultores no oeste de Santa Catarina, e basicamente o núcleo principal das lutas pela terra nasceu dentro dessas discussões feitas nas Comunidades Eclesiais de Base, realizadas também nas famílias. Portanto, a idéia de ir para um assentamento já estava presente nas famílias que participavam destas discussões, fazendo comparação com os textos da Bíblia, onde o povo buscava a terra prometida – Canaã. “Na verdade, ficar esperando o que os governos não faziam, então o que vamos fazer é buscar a terra prometida”. (Jacir)

## 5.2 Símbolos que se tornam memória

Na experiência humana, diferentes lugares, diferentes pessoas, diferentes objetos, diferentes sinais vão ganhando significados especiais, que ultrapassam a materialidade.

Remetendo à religião, que significa *re-ligare*, tornar a ligar, pode-se perceber que o conceito de sacramento, presente na doutrina cristã, pretende explicar essa realidade: significa sinal, presença do invisível, presença do oculto. Sacramento, muitas vezes é entendido de forma mágica. O sentido original da palavra situa-o na dimensão simbólica da vida, sempre cheia de objetos e lembranças sacramentais. (BOFF, 1975). Trata-se de um objeto visível que contém uma dimensão, um significado atribuído e que se revela na experiência. Enquanto para mim uma flor pode simplesmente significar mais uma espécie de planta, para outro poderá ser sinônimo de amor, manifestado por quem lhe deu.

Uma das formas para denominar tal realidade é atribuir a dimensão do transcender, do transcendente, que é ultrapassar a realidade material. Por isso, a transcendência<sup>5</sup> está próxima das pessoas: é fazer uma experiência pessoal daquilo

---

<sup>5</sup> A história do Pequeno Príncipe com a raposa ajuda a compreender o que é Transcendência. “O Pequeno Príncipe encontrou-se com um bichinho que ele nunca havia visto antes, uma raposa. E a raposa lhe disse: - Você quer me cativar? - Que é isso? - perguntou o menino. - Cativar é assim: eu me assento aqui, você se assenta lá, bem longe. Amanhã a gente se assenta mais perto. E assim, aos poucos, cada vez mais perto... O tempo passou, o príncipezinho cativou a raposa e chegou a hora da partida. - Eu vou chorar - disse a raposa. - Não é minha culpa - desculpou-se a criança. - Eu lhe disse, eu não queria cativá-la... não valeu a pena. Você percebe? Agora você vai chorar. - Valeu a pena sim - respondeu a raposa. - Quer saber por quê? Sou uma raposa. Não como trigo, só como galinhas. O trigo não significa nada para mim. Mas você me cativou. Seu cabelo é louro. E agora, na ausência, quando o vento fizer balançar o campo de trigo, eu ficarei feliz pensando em você... E o trigo, antes sem sentido, passou a carregar em si uma ausência, que fazia a raposa sorrir.” (ALVES, 2003, p. 55 - 60) Na história, os trigais passaram a ter um sentido maior para a raposa. Os trigais dourados lembravam os cabelos louros do Pequeno Príncipe. E essa lembrança

que os olhos não podem ver, fazer uma experiência do invisível! Tais símbolos são sinais, são sacramentos, sinais visíveis de uma realidade oculta. Um espaço, por exemplo, pode se tornar sagrado, terra santa, um espaço que era uma área física, pode adquirir um sentido histórico singular e por isso sagrado!

**Por que terra conquistada é espaço sagrado?** - Pensar em conquista, em terra, em espaço, em algo sagrado, pode ser compreendido como uma realidade de sobrevivência da vida bem como de sentido da vida. Através dos relatos dos assentados no Conquista da Fronteira, ter conquistado a terra não significou apenas adquirir um espaço de chão para morar e viver, mas “conquistar a terra prometida, como o povo da Bíblia, onde corre leite e mel e que Deus está conosco.” (Jacir)

Concomitante a isso, a dimensão simbólica esteve e está presente na experiência religiosa dos assentados. Assim, pode-se intuir que essa realidade é um dos elementos significativos de identidade dos que lutaram e lutam pela terra.

No dia 16 de agosto de 1988, nós chegamos aqui. Era de noite, mas quando clareou o dia a gente viu o lugar lindo, né, e eu dizia para as minhas companheiras: nunca fui morar num lugar lindo como este; eu sempre adorei este lugar, desde que cheguei. (Nilva)

A Sra. Nilva ainda contou que muitas famílias não se adaptaram nas terras, mas que ela sempre gostou, achando ser um lugar lindo, aberto, cheio de árvores e de água, parecendo a terra dos sonhos.

O que teria feito sentido e por isso encantado a senhora Nilva em relação ao mesmo lugar onde outras famílias não se adaptaram?

A partir da música, cantada em celebrações da comunidade e do coletivo: “Terra e raiz”, pode-se perceber a dimensão simbólica, uma realidade escondida que transcende a materialidade dos objetos, estes adquirindo um encantamento, estabelecendo laços de sentido: da raiz da planta ao violão, dos processos naturais ao mundo do trabalho para o mundo da arte, da celebração.

A chuva cai sobre a natureza / e a planta cresce gerando a riqueza; e o  
trabalhador luta com certeza / pra não faltar o pão sobre a nossa mesa.  
/:A terra guarda a raiz / da planta que gera o pão / a madeira que dá o cabo /  
da enxada e do violão: /  
Liberdade é pão, vida / terra-mãe, trabalho e amor / é o grito da natureza /  
viola de um cantador.

---

trazia conforto para a raposa. Assim, Transcender é dar um significado maior para as coisas, é buscar aquilo que está além do que temos ou somos.

E assim, são objetos, pessoas, lugares que vão de tornando símbolos, símbolos que transcendem ao que é visível aos olhos! Planta é mais que vegetal, árvore é mais que planta, trigo é mais que pão, terra é mais que pó, coluna é mais que madeira... Seu Fermino fez a comparação de que quando chegou ao chão, no espaço, hoje Assentamento Conquista na Fronteira, foi uma experiência profunda, um encontro forte com uma realidade transcendente, superior ao que é visível, ao que é material: "para quem vinha rodando, chegar aqui foi um choque grande, foi surpresa, a mesma coisa de ganhar milhões de reais – aqui seria a nossa sobrevivência!" (Fermino)

Falar de terra é considerá-la como o espaço de um símbolo sagrado! Encontrar a terra prometida – Canaã - foi uma realidade que estava presente junto das famílias que hoje habitam, cultivam e sobrevivem num espaço de terra que foi sonhada, conquistada e, por isso, espaço sagrado! Isso pode não ser o que sente quem lá visita ou que conhece, mas para quem encontrou ali o recanto de sobrevivência para a família.

"O processo de ocupação lembra a caminhada do povo de Deus, que cultiva o sonho de conquistar a terra". (Jacir) Este é mais um dos aspectos fortes da terra, também como sinônimo de espaço de caminhada, de ir, de vir, de estar, de chegar cada vez mais próximo do sonho. Portanto, olhar a terra é fazer a experiência do encontro, da identificação com aquilo que foi e com o que é agora.

**À sombra de uma cambuatã** - Nos primeiros anos do Assentamento, antes da construção do pavilhão (salão), as celebrações eram realizadas no rio (batizados), na lavoura (época da colheita), diretamente com a natureza. "A gente tem fé e acredita". (Fermino) Também, as celebrações, inclusive casamentos, eram realizadas sob a sombra de uma árvore chamada cambuatã.

A árvore cambuatã, onde eram realizadas as celebrações no início do Assentamento, ainda existe; ela ficava na sede da antiga fazenda. Quando vem o pessoal de fora, a gente leva lá e conta que lá foram feitas as primeiras reuniões, as primeiras celebrações. (Jacir)



Foto da árvore cambuatã. São 4 árvores próximas uma das outras.

Este relato deixa claro que mostrar a árvore aos visitantes significa também apresentar a história das famílias e onde se deu a sua experiência religiosa. A árvore transcende ao que ela significa: planta. Olhar para ela é passar do visível para o invisível.

Por isso, a ciência pode mostrar que no mundo há toda uma forma organizada da natureza e da presença e da relação das pessoas com ela. Mas, por meio da fé, muitas pessoas sentem que o mundo foi criado por um Deus amoroso, que deu toda a natureza de presente para a humanidade nela viver. Assim, pode-se transcender à compreensão da ciência e enxergar a presença de Deus na natureza. Esse Deus, é o Transcendente, aquele que é Maior.

“Nós não vamos derrubar aquela árvore, nunca; ela está presente na nossa história” (João). Cuidar da árvore cambuatã não significa apenas a preservação da flora, mas ela contém, desde as suas raízes até o galho mais alto, as marcas de uma história. Quantas vezes o olhar que chega até a árvore não remete às reuniões, às celebrações, às conversas, aos encaminhamentos de

projetos, aos ajustes de conflitos, à realização dos sonhos, e chega até ao céu, invocando Aquele que “se fez carne e habitou entre nós”. (Jó 1, 14).

A árvore cambuatã é uma marca, é a chegada das famílias. Na bela sombra do cambuatã eram realizadas as primeiras reuniões, as assembléias. Durante 2 anos as famílias, vindas do movimento, residiram próximas à cambuatã, local onde era o centro da fazenda. (Marckus)

Hoje, são quatro árvores próximas uma das outras que lembram o passado, mas, dizia seu João: “uma é que é do tempo... é a maior!”

**Cruz: um sinal de fé** - Além de considerar a terra como um espaço sagrado, de guardar as árvores cambuatã como espaço de encontro, de reunião, de celebração, as famílias do Assentamento Conquista na Fronteira, também guardam uma cruz.

Quando chegamos aqui, trouxemos uma cruz, lá de Taiópolis, lugar onde ficamos acampados por 2 anos. A cruz, um dos símbolos que acompanharam a luta, foi construída lá, feita de madeira. Trouxemos: cruz, foice, estrela, facão, lembrança do tempo em que ficamos no acampamento. (Nilva)

Neste relato, novamente aparece a dimensão simbólica que acompanha as pessoas e igualmente as famílias do Conquista na Fronteira: é a cruz que lembra história, caminhada, luta, conquista. É a cruz da vitória! Vitória esta que não foi passiva, mas fortalecida pela força de Cristo que também venceu a morte, mas ressuscitou. Ao mesmo tempo em que a história de Cristo acompanha a experiência religiosa das famílias, a história de vida delas, presente no dia-a-dia da existência, faz-se refletir através da cruz.

A cruz lembra o que a gente passou: de bom, de ruim, tudo, como por exemplo: levar doentes até 11 km, enrolados em lençóis, presos a varas, a fim de procurar recurso; de fazer o parto das mães no caminho, pois não chegavam a tempo ao hospital. (Fermino)



Esta cruz está no pavilhão, local de celebrações e festas.

Portanto, olhar para a cruz é também olhar o sentido que dela irradia: Jesus, que também foi “um revolucionário” (Anderson); das tantas vezes que no acampamento se faziam orações, bem como do desejo de se conquistar a terra dos sonhos e hoje já conquistada!

A cruz esteve e está presente: na memória, na experiência de fé cristã, no coração das famílias do Assentamento Conquista na Fronteira!

**A imagem de são João Batista** - Além da árvore cambuatã e da cruz que marcam este chão sagrado, há a imagem de são João Batista. Essa imagem do Batista está no pavilhão, espaço de celebrações, reuniões, festas da comunidade. Com certeza, tal imagem não significa apenas a lembrança de um dos santos famosos nas conhecidas festas juninas (São Pedro, Santo Antonio e São João), mas porque sua morte é lembrada no dia da fundação do Assentamento: 24 de junho.

Segundo Marckus, a imagem de João Batista foi trazida para o Assentamento no dia 24 de junho de 2006, pelo padre Florindo, que a trouxe de Chapecó. Foi adquirida por 250,00 e mede 60 cm.

O padre sugeriu que tivesse são João Batista como padroeiro por ter sido no dia 24 de junho o aniversário de nascimento deste santo e do início do Assentamento. São João foi um lutador do povo, que também deu a vida por uma causa: a verdade e a justiça. (Marckus)

Assim, a referida imagem de São João Batista também significa a marca do início, da origem, da fundação de uma nova história para as famílias que lutaram para conquistar a terra, superaram dificuldades, mas a proteção divina os acompanhou e enfim tomaram posse da terra prometida!

### **5.3 Fé institucionalizada ou fé popular?**

Anteriormente foi esclarecido o conceito de transcendência, pelo qual o indivíduo estabelece relações íntimas com determinados lugares, com pessoas, objetos, enfim, constroem seus símbolos e os consagram. Além destes elementos, também se faz necessário perceber a tensão existente no assentamento entre “prática religiosa”, enquanto universo de práticas e significados cotidianos e religião “oficial”, ou seja, fé institucionalizada e fé popular.

Nesse sentido, pode-se perguntar: a experiência religiosa das famílias no Assentamento Conquista na Fronteira é vivida a partir da compreensão do que é a fé institucionalizada, ou seja, com o que a religião orienta ou de acordo com a fé popular, que seria a religiosidade?

Através da história da religiosidade na luta pela terra e da história da igreja do Brasil e do Estado de Santa Catarina, pode-se perceber as marcas de alguns conflitos: entre as igrejas cristãs, onde de um lado estão as igrejas evangélicas pentecostais e, do outro, as tradicionais. As pentecostais privilegiam a fé sobre as obras, acreditando que crendo em Deus haverá salvação; entre a própria Igreja Católica, considerada conservadora, de um lado há os que defendem a teologia da libertação, voltados para a união entre fé e vida, ou seja, a fé aliada à prática social, e há os da ala conservadora, voltados para a defesa dos mistérios da fé, da questão dogmática, da liturgia.

No Assentamento Conquista na Fronteira, a prática religiosa tem passado por diferentes fases. O relato dos assentados deixa claro esse percurso.

O senhor Marckus contou que, no início do Assentamento, se fazia culto todo domingo. Contudo, como “o povo do interior se reúne para rezar e para se encontrar” e como as famílias dali já se reuniam para diferentes atividades, começou a ter pouca participação nas celebrações.

Aqui não se faz o culto todo domingo, pois o culto semanal é uma forma da comunidade se reunir, discutir os problemas, fazer uma reza e voltar para suas casas. Como existe a Cooperativa e toda uma organização, cada semana se faz uma assembléia, então não se tem necessidade de se encontrar mais vezes. (Jacir)

Com isso, decidiu-se que teriam apenas algumas celebrações: são 5 as grandes celebrações anuais ali realizadas, seguindo o calendário cristão-católico: Sexta-feira Santa, 25 de junho (dia de São João Batista, padroeiro do assentamento, onde são realizados os batizados), Finados, final de ano – Natal, na época do plantio e da colheita e quando morre alguém. Ultimamente, tem a celebração da missa quase todos os meses.

Como em diversas comunidades de católicos, no Assentamento não são realizados os chamados círculos Bíblicos ou CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), não circula a Capelinha, conhecida também como Santinha (oratório de Nossa Senhora).

Aqui, quase todas as noites, têm reunião, ou da coordenação, ou do sindicato, ou para preparar a mística pra missa, enfim, é uma dinâmica. Não dá tempo para levar a Capelinha, por exemplo. Eu lembro que eu arrumei namorada indo na reza do terço, na casa onde estava a capelinha. Era 70 famílias na minha comunidade. Lembro de uma vez em que nós estávamos rezando, de joelhos perto da cadeira, onde meu sogro puxava a oração da Ladainha: estrela da manhã – e o povo respondia – rogai por nós! – tinha um tio nosso que havia tomado umas garapas na bodega. Aí, quando acabou, ele continuou: rogai por nós! Nós começamos a dar risadas e aí é que ele se deu conta de que havia acabado. A única maneira da comunidade se reunir era através da oração do terço nas famílias, do culto aos domingos, na igreja. Aqui, nós nos reunimos para solucionar os problemas. (Neudy)

A prática de se reunir para rezar o terço em comunidade era desenvolvida por algumas famílias quando residiam em Xanxerê ou em outros municípios de Santa Catarina. Por que, então, estas mesmas famílias não acham falta disso? Para elas, foram deixadas para trás algumas tradições: “Não tem como passar a Santinha nas casas, não tem como arrecadar dinheiro! Também não tem

como arrecadar dinheiro para a construção de uma igreja, nós somos uma cooperativa!” (Fermino)

Todos somos católicos, a única diferença é que não somos aqueles católicos praticantes, que tem aquela dependência muito grande da religião; cada um tem sua fé, uns acreditam mais outros menos, mas isso não é o problema maior. A religião, para nós é onde buscamos o fortalecimento do coletivo, faz parte do fortalecimento. (Edivar)

Neste ano de 2007, nos dias 09 e 10 de março, aconteceram as missões populares com os Saletinos. Na ocasião, “quando eles viram o povo reunido no salão e não na capela, ficaram surpresos”. (Nilva) Porém, o que é mais interessante é que “foi a comunidade que mais participou das missões, pois agradou a todos” (Guilherme). “Foi um trabalho bem diferente do que a gente imaginava: eles fizeram um trabalho de reflexão bem próprio nosso”. (Anderson)

Outro aspecto presente no Assentamento Conquista na Fronteira é a crença num Deus encarnado, ou seja, num Deus que quis fazer a experiência do ser humano, encarnando-se em Jesus Cristo e ser um com os homens. Assim também a fé em Deus nos assentados se identifica com a vida de Jesus, visto como um lutador, que defendeu o povo, que se tornou um mártir na vida das pessoas. Tal como Che Guevara foi um “deus para o povo cubano” (Edivar), que conseguiu ajudar a libertar o povo do capitalismo e fazer com que tomassem suas decisões, porque quem ditava as leis eram os Estados Unidos, o povo só sabia trabalhar.

Por isso, nós entendemos que se nós só rezar, só pedir que alguém faça por nós, não vai acontecer; a gente sabe que Deus não vai fazer mais por nós, mas é alguém que pode nos orientar nisso. (Edivar)

Quanto à relação das famílias assentadas com a igreja oficial, especificamente no que se refere aos sacramentos, afirmou seu Edivar: “Aqui nós acreditamos na eucaristia, no corpo e sangue de Jesus, nós seguimos a religião conforme qualquer outra comunidade – a religião católica oficial”.

Segundo o Padre Florindo Canton, que atende a comunidade do Assentamento desde 21 de dezembro de 2001, as famílias vivem o espírito das primeiras comunidades cristãs, colocando tudo em comum e não tendo necessitados entre eles. Ali acontece a relação entre fé e vida! Também, aponta para o fato de que:

A participação das famílias nas Missas está satisfatória. São celebradas de 5 a 6 missas por ano. Os jovens também participam regularmente. A catequese está organizada como em todas as comunidades. Algumas lideranças participam da formação da Paróquia, como: catequistas e dirigentes dos grupos de reflexão. (Pe Florindo)

O padre chamou a atenção para um dos aspectos institucionais da religião, segundo a igreja católica: “falta, porém, santificar o domingo, dia do Senhor, celebrando o culto comunitário”.

Segundo os relatos citados acima, algumas lideranças relacionam religião estritamente ao foro privado, da decisão de cada família; outras entendem ser o espírito religioso que está presente nas reuniões, nas assembléias e nos espaços de discussão da vida comunitária e do assentamento como um todo, como a espiritualidade, a mística que une o grupo. Diante desta realidade, o Padre Florindo afirma: “Falta celebrar a fé comunitariamente, buscando a participação nos sacramentos e na leitura da sagrada escritura para avançar no projeto da Cooper União”.

As famílias do Assentamento estabelecem relação entre fé e vida, no dia a dia de sua organização: “inculturando a proposta de Jesus Cristo”. (Pe. Canton) Por outro lado, continua o padre, não há conflito entre as lideranças do Assentamento e a igreja (instituição), mas as lideranças temem a igreja conservadora, aliada aos ricos.

As famílias ainda contam que, o segundo Padre que visitava o Assentamento não entendia a relação do povo com a terra e sua expressão da religiosidade. Então, o Bispo teve que interferir, mudando-o para outra comunidade. Através da atitude do bispo, o então Dom José, mostrou-se que a igreja local institucionalizada buscou dar atenção adequada ao Assentamento.

Outro aspecto significativo da experiência religiosa presente no Assentamento é a presença de um “benzedor”, que dá a bênção para as crianças que estão *atacadas das bichas* ou *àquelas pessoas que têm amarelão* (anemia). Para ele, a bênção é um sinal de fé. Aprendeu isso com os antepassados, os parentes. Na verdade, dizia ele, quando uma pessoa tem algum problema e tem fé que vai superar, acontecem os milagres; o benzimento não passa disso. “Eu sou devoto de uma santa na hora que eu vou praticar o benzimento”. (Fermino). Então, para a bênção dar resultado positivo, é necessária a fé de quem dá e de quem recebe. Além da oração (bênção), seu Fermino dá xarope para quem tem amarelão

e passa para o paciente as orações de que deve fazer: "... tudo gratuitamente, porque é dom de Deus, do gosto da gente e sinto prazer em fazer". As pessoas vêm até a sua casa, tanto os do Assentamento como os de localidades próximas.

Durante sua vida, as pessoas passam por crises existenciais e conseqüentemente de fé, aliás, talvez não diretamente com a fé, mas com a igreja ou a sua forma de vivência da fé. Contudo, percebe-se que no Assentamento Conquista na Fronteira a fé expressa na solidariedade do povo e sua esperança num Reino de justiça não está em crise! Há a proposta e vivência evangélica que se baseia no diálogo, no perdão, no serviço e não no poder e na dominação. O testemunho do seu Neudy comprova tal realidade.

Eu me lembro de uma vez que Dom José veio rezar uma missa aqui e ele estava meio caducão, então esqueceu de rezar o Pai Nosso. No final, eu falei: "esqueceu de rezar o Pai Nosso" e ele me disse: "ah, eu sei que não precisa rezar o Pai Nosso pra vocês, vocês rezam todo dia; a prática de você é um Pai Nosso".

**Moralismo ou liberdade** - Outro aspecto significativo na forma de compreender a vivência da fé com características desalienantes da própria estrutura de uma Igreja Católica conservadora é construir também uma crítica ao seu modelo, que na América Latina possui características que se diferem da igreja de Roma. Nesse sentido, os informantes apresentaram suas reflexões referentes a alguns temas.

No que se refere à catequese, "penso que se poderia trabalhar melhor, a nível geral, questão da luta pela terra. A igreja deveria dar um salto nesse sentido, mexer mais com as questões da vida". (Neudy)

Quanto à noção de pecado, outro assunto meio polêmico entre os crentes (crêem em Deus), o senhor Edivar fez o seguinte comentário:

Os Padres mais conservadores que vem aqui querem que nós, enquanto ser humano confesse que contemos os pecados, que é aquilo que se faz de errado, mas o importante é ver o que é que fizemos de errado. Por exemplo: os pobres, humilhados, que morrem de fome, que não têm uma casa onde morar, o que esse camarada tem de errado na vida? O que ele fez de errado que tem que confessar e pedir perdão? Será que não existe uma outra pessoa que deveria pedir perdão por ele? A burguesia, o capitalismo – se existe alguém quem faz pecado na terra, são eles. Enquanto sociedade, enquanto ser humano, enquanto pessoas que têm o mesmo direito, o mesmo valor, será que eles confessam o que fazem perante a sociedade? Eu acredito que não, nem se dão conta. Então, qual é o pecado maior que o ser humano faz? Quem está pecando mais? Se pegarmos um pobrezinho que não teve oportunidade de estudar, de ter um emprego, vive humilhado de estar trabalhando para os outros, acaba entrando na bebida, na droga,

então esse é considerado o pecador! Então como é que se define o pecado? Quem rouba uma galinha para se alimentar, esse é um pecador? Os sem terra que se organizam para uma luta maior, de você conquistar um pedaço de chão – esse é pecador, porque está roubando a terra de alguém? A burguesia o coloca como pecador. Nós temos que entender a religião como uma coisa muito maior, não simplesmente as coisinhas pequenas; é importante, mas se a religião tivesse uma abertura maior, se ajudasse a entender como a sociedade vive hoje...

Edivar, um dos responsáveis do Assentamento, também afirma que a igreja, na sua estrutura, não tem uma linha definida, que diga que tem que servir aos pobres, até porque que a burguesia tem muita influência e a igreja, como estrutura maior legal, ela não quer comprar briga. Confessa que é complicado a igreja dizer: de hoje em diante, vamos ficar somente do lado dos pobres, uma vez que ricos e pobres são seres, são gente. “O que ela deveria é fazer essa diferenciação, que alguém está sendo prejudicado!” Por outro lado, ele afirma que há muitos padres, irmãs, pessoas religiosas ligadas aos Movimentos Sociais.

O pai do Edivar ainda acrescentou:

Se a igreja se dispusesse a tirar o joio do trigo ela tinha tudo na mão, só que é aquilo: muitos que se dispõem a ajudar são barrados, mortos. Foi o que aconteceu com Irmã Doroty, assassinada por defender a Amazônia. Há também outros padres, mais estudados pela burguesia, que não querem nem saber, eles seguem aquela linha, vão defender os interesses desta burguesia. (Fermino)

Através desses relatos, percebe-se que os assentados reconhecem a importância da fé, da religião, da união entre as famílias, fundamentada na fé cristã, mas reconhecem que parte das lideranças religiosas não defendem as causas dos empobrecidos. Tal realidade pode se justificar por desinteresse, muitas vezes pelo medo das consequências ou pelo fato de não julgarem necessário. Isso traz certa “revolta”, o que justifica o fato de que certas lideranças de movimentos sociais serem totalmente laicas.

Essa experiência de fé, da presença religiosa, migrou de um ambiente exclusivamente reservado ao sacerdote para um ambiente secular. Os mistérios, as causas últimas do ser humano ganharam espaço entre o povo. Tal característica se faz presente nos Movimentos Sociais e ganha o nome de mística.

## 5.4 A mística dos assentados

Chama a atenção, inclusive dos visitantes no Assentamento Conquista na Fronteira, o fato de ali não haver capela e a forma como as famílias fazem as celebrações. Por celebração eles entendem que:

Nós celebramos as nossas conquistas, que pode ser no campo político, como por exemplo: momento de ocupação, a derrubada do latifúndio, a conquista da terra, o momento da colheita, pois tudo o que nós fizemos aqui na parte da produção, tem um significado, um objetivo, que é matar a fome do povo. (Edivar)

Aqui a gente celebra a vida, celebra aquilo que para nós e para as famílias é importante, quando quer agradecer por uma conquista, por exemplo, (quando se terminou a construção do frigorífico, quando termina uma reforma) é o momento de se agradecer por aquilo que foi feito, de maneira simples – como as primeiras comunidades - tudo é de todos, vivem em comunidade. Aqui ninguém tem mais que o outro, todo mundo tem direito a viver bem; a gente vive o dia a dia da religiosidade”. (Jacir)

Portanto, percebe-se que celebrar, por exemplo, a colheita, tem o sentido de que o alimento esteja na mesa das famílias, e com qualidade, sem veneno; é a colheita das sementes, do frango. É dar distinção, tornar célebre as lutas, as conquistas, acreditando no bem de todos e que isso se dá através da cooperação.

Contam os entrevistados que, às vezes, as celebrações são realizadas no pavilhão; às vezes, o povo vai celebrar lá na roça onde está o produto. “Nós não ficamos num espaço fechado, achando que lá vai ser a nossa salvação, nós temos que se abrir e olhar para outras formas, para o mundo maior”. (Edivar)

Contudo, sempre que há assembléias do coletivo a gente já vai com aquele sentido de católico. Nelas são realizadas as místicas onde são apresentadas as coisas, que são abençoadas por Deus, como por exemplo: comida, terra, ferramenta que a gente ocupa, trabalho do dia a dia, coisas da vida. (Fermino)

Além das celebrações, os assentados se reúnem, mensalmente, para as assembléias. Nelas, são realizadas as místicas, que são momentos de retomada do mistério presente nos símbolos, nos fatos, nas pessoas, na história. Elas são preparadas pela equipe de animação e visita do coletivo, composta de 8 pessoas.

A palavra mística “vem do verbo grego ‘*múein*’, que significa perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou intenção”. (MARSCHNER, 2000, p. 7) As místicas geralmente tematizam a luta, entendida pelo antes e pelo depois da conquista da terra. Nelas são vivenciados os confrontos dos sem terra com os policiais e fazendeiros para conseguirem resistir ao acampamento e conquistar a terra, bem como as lutas que envolvem a fase posterior ao acampamento, o recomeçar da vida no assentamento: a luta por escolas, saúde, moradia, créditos, produção, etc. “Elas convocam para a luta, para a ação – tem relação com a história: passado, presente e futuro”. (Ivone)

A mística existe na vida e na prática de quem a faz e não tem necessariamente cunho religioso. Por isso, para os assentados, a mística da terra seria a valorização da terra enquanto criação divina, bem como porque fornece o alimento para as famílias.

Visitando a escola, percebem-se nas paredes cartazes do Movimento Sem Terra, cartazes produzidos pelos alunos, “resultados das místicas realizadas”, dizia a professora.

Portanto, os assentados acreditam que não dá para separar a experiência religiosa da vida e que o único caminho da mística e da espiritualidade é o amor. “O mais importante entre nós é o amor” (Jacir). A relação deles com a natureza e com a vida deve ser como uma relação amorosa entre duas pessoas. Isso também ocorre com a mística. Quem entra nesse processo, quanto mais encontra, mais procura, e quanto mais alcança, mais deseja. Isso nenhuma instituição, por si mesma, pode dar...

## **5.5 Utopia ou alienação religiosa?**

Como foi visto nos capítulos anteriores, a luta pela terra foi marcada pela busca de sobrevivência e a busca de uma vida mais digna, muitas vezes animada pela experiência religiosa.

Como o homem é um ser histórico, social, em transformação, que tem necessidade de agir, ele modifica a natureza e, conseqüentemente, a si mesmo. Conforme foi sistematizando a experiência, foi construindo conhecimentos: a sua cultura.

No acampamento as famílias começaram a discutir uma nova maneira de produzir, uma nova forma de se comportar com a agricultura, com a terra, com a água, com o meio ambiente. Então se começou a se prever o futuro das famílias. A partir de outros países que já estavam fazendo experiências interessantes, estas foram trazidas para serem discutidas pelo grupo. (Neudy)

Por ser racional, o homem pode prever e, portanto, controlar cada vez melhor as remotas conseqüências naturais dos seus atos de produção. Assim sendo, no Assentamento Conquista na Fronteira, a relação das famílias com a natureza se expressa na afirmação do Jacir:

Para nós que somos camponeses, a gente se identifica muito com a natureza, com tudo aquilo que existe de bom, o que se cultiva de bom na terra, que se produz, as pessoas, as relações, a consciências das pessoas, o que se faz para que as pessoas tenham vida, saúde, que consigam não pensar somente no dinheiro, mas aproveitar bem a vida. Isso significa: estar de bem com o vizinho, não poluir a natureza, cuidar bem da terra. Isso tudo faz com que a gente pense em alguma coisa que tem que ter que mova tudo isso. Aqui nós temos 400 hectares de mata nativa, várias espécies de animais. Se nós não preservar, nossos netos não vão conhecer um tucano, uma gralha, uma cutia, um macaco. (Neudy)

Quando a modificação dos meios de produção é utilizada para a melhoria de vida do ser humano, ela traz consigo o benefício social. Contudo, o que se percebe, como já foi citado no capítulo 1, é a concentração de riquezas.

Muitas famílias saíram daqui devido á questão econômica. Aqui tudo: trabalho, lazer,... é feito no coletivo! Porém, elas queriam ter um investimento maior, mas individualmente. Como a idéia do assentamento era de investir mais no coletivo, criou insatisfações e os levou a sair daqui. (Márcia)

Quanto à experiência religiosa, segundo Marx, ele nega que a religião seja a expressão de uma essência humana, muito menos que seja “independente” das condições materiais de produção. Ele afirma que na religião só se encontra ilusão. Como ilusão, possui uma função de legitimidade e justificação como uma “explicação falsa do mundo”. A alienação religiosa pode ser a expressão da alienação material.

Contudo, foi outra a experiência religiosa na história do Assentamento Conquista na Fronteira, desde os primeiros sinais dos sonhos de se conseguir uma terra. Desde esse tempo, as famílias já tiveram o apoio da ala das igrejas cristãs “libertadoras”, defensoras e motivadoras para aqueles que lutam por

uma vida sem dominação e exploração econômica. Compreendem que a libertação econômica traz consigo a desalienação do viver.

O Bispo de Chapecó, Dom José Gomes, fazia um trabalho de conscientização, abria a cabeça das pessoas para tomar consciência de que não adiantava ficar só rezando, rezando, tinha que fazer alguma coisa: tinha que lutar por seus direitos, contra a injustiça, contra toda a opressão, contra toda dificuldade, principalmente de quem sempre trabalhou na roça e não tinha um pedaço de terra. (Edivar)

Por outro lado, a experiência no Assentamento também carrega as marcas de uma história com reflexos que poderiam ser chamados de alienantes, como narra o senhor Neudy:

As lideranças mais antigas dos sindicatos ficavam 10, 15, 20 anos no poder e mantinham o restante debaixo das suas asas. Nesse caso, nem que os jovens não aceitem, eles precisam respeitar a história do movimento, das pessoas, do pai que perdeu o filho no acampamento, da mãe que abortou, dos que apanharam da polícia... e os mais velhos compreenderem a outra etapa, que é dos jovens, o que estão renovando, o que nem todos conseguem compreender isso.

As famílias também têm claro seu papel na sociedade e, portanto, sua experiência não é alienante. Suas considerações apontam para o grande desafio, que é de fazer com que o coletivo permaneça dando certo e “temos uma grande e árdua tarefa, mas muito importante: o que nós estamos transmitindo para a sociedade!” (Neudy). E continua: “as pessoas de outras comunidades, de outras religiões, de outras organizações, vão conhecer o Assentamento que desenvolve uma nova forma de sobrevivência!”

MADURO (1981) também insiste em mostrar que a estrutura de classe condiciona a ação de qualquer religião em seu interior. A história do Assentamento cria uma série de hábitos, expectativas que impelem os sujeitos a uma continuidade com o passado. Cabe ao coletivo tornar pensável a experiência da coletividade para que, assim, possa prosseguir.

As pessoas não agem isoladamente da sua concepção de economia, de modo de produção, de relações sociais, de fé; suas ações não são independentes umas das outras, nem mesmo as celebrações.

- Eu confesso que sou católico, tenho muita fé, porque se você não tem fé pra preencher esse vazio, eu quero ver o que você vai colocar nesse vazio. Eu não consigo ser um frequentador 100% das celebrações, até por motivo

do meu trabalho. Agora, a atividade que eu estou fazendo faz parte da minha vida. Aí, se eu não estou presente na hora da missa, eu estou reunido com alguém, discutindo alternativa e isso faz parte da vida. Não adianta ir à igreja todo domingo e na segunda-feira tentar lograr o vizinho, ou cuidar da comunidade e roubar 7 ou 8 pilas, o que acontece muito nas comunidades. Para mim, a religião é muito importante, agora não adiante ter fé e não haver prática, a pessoa tem que crer e também trabalhar; pedir pra Deus que venha do céu, não vem nada – é a história da água, na bíblia, não é que Moisés bateu com a vara e a água surgiu; essa história quer mostrar que teve um trabalho de busca da água. Então, essas coisas a gente tem que entender. Eu acredito muito na religião. (Neudy)

Internamente, as 57 famílias que residem no Assentamento formam 6 núcleos que, aos sábados, se reúnem para discutir os problemas, para dar os informes (quem vai representar o assentamento em tal acontecimento, as equipes precisam se reunir para preparar a missa,...), ao invés das famílias se reunirem aos domingos para rezar. “Essa é a maneira de preencher o domingo e no final do mês nós temos a missa”. (Neudy)

Nesta expressão apareceu a dimensão do “vazio”. Que vazio seria este e como preenchê-lo?

Hoje, se perdeu a auto-estima, o valor pela vida, o sentido da religião, o amor pela vida. Depois que tem comida, que tem roupa, uma casa, um carro, dinheiro pra ir na festa, aí o resto é resto. Mas fica uma pergunta: Quem eu sou? De onde eu vim? De onde veio o ser humano? Para onde que vai? Eu não vou acreditar tanto que, quando eu morrer, eu vou sair do túmulo, mas se eu fizer coisas importantes, no dia em que eu morrer, todo mundo vai dizer: oh, o fulano, que fez isso e mais aquilo, que foi honesto, que freqüentava, que ajudou a construir! E isso é que é importante; se não tiver isso, perde-se o sentido de viver. Esse vazio pode ser preenchido jogando bola, por exemplo, mas sem amor ao próximo, vai continuar. É preciso fé e prática. (Neudy)

Assim como seu Neudy, outras pessoas se interrogam sobre o sentido último da existência. Seu testemunho leva a entender que não basta trabalhar, estudar, ganhar dinheiro. Para ele, o importante é o que a pessoa faz para o benefício da coletividade, enquanto pessoa que faz escolhas e faz história. Essas motivações foram se tornando claras através do conhecimento e da experiência do seu Neudy como algo que transcende a sua compreensão racional de viver. Tais experiências religiosas são meios de vinculação entre *imanência*, ou seja, a historicidade, e a *transcendência*, realidade que está além do visível, além do concreto.

Eu quase não tive a cultura da oração em família, mas minha mãe é muito devota. Sem as celebrações eu acharia falta porque a gente não é só máquina. Precisaria pensar sobre a “gente mesmo”, mesmo que nem sempre é envolvente e o Padre nem sempre é acessível. (Anderson)

Assim, a experiência religiosa entre os assentados pode ser compreendida também como uma realidade que sustenta a utopia, o “vazio” presente no ser humano. Portanto, ela deixa de significar uma experiência alienante, falsa, invertida da realidade e que responde aos desejos íntimos do ser humano.

Também, ao recordarem o processo de ocupação, os assentados lembram a caminhada do povo de Deus, que cultiva o sonho de conquistar a terra, em que as pessoas não ficavam esperando que as coisas acontecessem. Na compreensão deles, busca-se o que se poderia dizer de equilíbrio entre as duas dimensões reais do ser humano: a imanência (histórico) e a transcendência (utópico). A realidade do cotidiano do viver é marcada pelos sonhos, sejam estes pessoais ou coletivos. O sonho é a utopia, o norte a apontar o horizonte a percorrer; é novamente a idéia de unir fé e vida. Jacir afirma que

...é aquela história: você tem que atravessar o rio, Deus vai te ajudar, mas você tem que botar o queixo na água e atravessar, não tem outro jeito. Quando chegamos aqui, as duas pessoas que apoiaram nós diretamente foram o Padre e um técnico da EPAGRI.

## 5.6 Há função social da religião entre os assentados?

De acordo com os dados dos informantes, pode-se afirmar que as práticas religiosas presentes no Assentamento Conquista na Fronteira se identificam com a forma de Durkheim compreender a religião. “Como é possível a ordem social? A ordem social é possível, portanto, em virtude do caráter essencialmente religioso da consciência coletiva. (DURKHEIM, *apud* ALVES, 1984, p. 106) E, ainda: “O sagrado é o centro do mundo, a origem da ordem, a fonte das normas, a garantia da harmonia”. (ALVES, 1981, p. 63)

E eu acho que a igreja não seria tão interessante: o importante é manter o povo unido, porque não adianta ter igreja e não se manter o povo unido. Também é legal a idéia de ter igreja, mas o mais legal é manter o povo unido, o povo de Deus. (Fermino)

A religião pode influir sobre a produção, reprodução e transformação das relações sociais. Ela pode desempenhar uma função social.

Assim como a escola, a religião também pode ser um aparelho reprodutor do Estado e estar a serviço dos dominantes. Por outro lado, ela pode estar a serviço dos explorados. Foi isso que aconteceu com a Igreja Católica nas décadas de 70 e 80, quando a teologia da libertação ganhou força e impulsionou líderes e grupos a se organizarem e lutarem por uma vida mais digna como lembra uma antiga canção: “Tu és o Deus dos pequenos, o Deus humano e sofrido, o Deus de mãos calejadas,...”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas análises acerca da luta pela terra, deve haver uma sensibilidade quanto aos aspectos da diversidade cultural e religiosa das populações do campo. São aspectos da experiência humana que merecem a atenção e o respeito do pesquisador, sem que se deixe, entretanto, de tomar posição frente a essa realidade. Na religião se manifestam as singularidades da experiência humana. O ser humano se diferencia dos animais: enquanto que a vida destes se processa num mundo estruturalmente fechado, ao ser humano foi-lhe oferecida a aventura da liberdade. Em contrapartida, ele enfrenta a neurose, o terror da angústia e os conflitos diante das contradições.

De fato, o presente estudo e a análise dos dados coletados a partir dos informantes revelou a singularidade das práticas religiosas, expressas, entre outras, na releitura bíblica, nas visões de mundo, nos valores de cada família do Assentamento Conquista na Fronteira. Muito antes de fragmentar a organização dos assentados, essa singularidade corrobora para a união entre eles.

Desde o início do “descobrimento do Brasil” pelos portugueses, a vivência religiosa dos povos teve forte ligação com a experiência de lutar pela terra. A admiração pela beleza da natureza bem logo deu lugar à exploração desenfreada e à escravidão do ser humano pelo colonizador.

Essa violência para com os filhos da terra continua hoje atingindo também a própria terra, ainda subjugada pela mesma lógica da extração de lucro no espaço de terra mais curto possível. A terra tornou-se mercadoria, objeto de

especulação e reserva de valor, enquanto os filhos da terra são mantidos afastados pelas cercas e armas do latifúndio. Quantas vidas e quanto sangue não absorveu a terra para que nela morasse a justiça? Os sem-terra, no entanto, resistem à expulsão, à proletarização forçada. Essa foi a história das famílias que estão ou que passaram no Assentamento Conquista na Fronteira, experiência de buscar reconquistar a terra, cultivá-la e viver. Para essas famílias, entrar na terra foi a garantia de não viver sob o cabresto dos outros, uma das formas de afirmarem sua dignidade e o direito de se autodeterminarem.

Por outro lado, a terra é vista pelos assentados como *dom* de Deus, como uma herança e assim adquire uma dimensão mais ampla: não pode ser vendida como uma mercadoria qualquer, porque ninguém a produziu. Ao mesmo tempo em que ela não é mercadoria, é doadora de vida e liberdade. O direito dos pobres à vida passa pelo acesso à terra. Ela garante o alimento e protege da exclusão social. A partir da experiência religiosa da libertação, essa terra tem para os cristãos um *caráter sacramental*: ela abriga a vida de tantos irmãos. A terra não é propriamente de ninguém, é garantia para a vida de todos. Ela foi dada à humanidade para ser transformada em casa acolhedora para os seres humanos e todas as espécies vivas.

Sob o regime coletivo, o Assentamento Conquista na Fronteira estabelece seus valores, suas crenças, seus códigos que devem ser seguidos por todas as famílias, uma vez que é elaborado pelos próprios membros. Contudo, no regimento interno não se faz referência sobre dois aspectos: político partidário e religioso. Isso não significa que os assentados não tenham uma posição referente a estas duas realidades, mas que as famílias independem delas para se manterem no assentamento. Por outro lado, o relato dos informantes mostrou que há um consenso em relação às formas e ao local das celebrações e pela ausência de capela.

As tensões que foram percebidas através dos informantes estão no fato de muitos jovens saírem para estudar e não retornarem ao assentamento e no sentido de atender à individualidade de cada membro, como por exemplo, no trabalho que prefere realizar. Essa se torna uma tarefa exigente, mas que não tem sido motivo de tantos desencontros.

Quanto à experiência religiosa entre os assentados, vivida no cotidiano, pode-se compreender que há uma forte ligação com a experiência do povo hebreu no relato bíblico: conquistou a terra prometida e agora busca cultivá-la, preservando toda espécie de vida e garantindo a qualidade de vida das famílias a fim de que “não haja necessitados entre eles”, já que tudo é em comum.

“Sem as celebrações eu acharia falta porque a gente não é máquina” (Anderson). A expressão deste informante adverte que o fenômeno religioso abarca aspectos da experiência humana que a racionalidade do processo organizativo não alcança. As famílias tiveram, já no tempo anterior aos acampamentos, a forte influência da religião animando-os à luta. Isso aconteceu através da posição de uma igreja libertadora, por meio da teologia da libertação, nos estudos das comunidades eclesiais de base. Nos acampamentos continuaram a acreditar num Deus que cuida e caminha com seu povo a ponto de trazê-los à terra dos “sonhos”. Outrossim, as celebrações podem ser a expressão do desejo último do ser humano: identificar-se como “gente”.

No cotidiano das famílias a fé deixou de ser caracterizada apenas pela defesa da experiência religiosa voltada para os aspectos litúrgicos e dogmáticos, mas na expressão do perdão, da ajuda mútua, do amor, da cooperação, do respeito, inclusive da dimensão simbólica dos espaços, dos símbolos, que marcam a história. Portanto, para os assentados, celebração é celebrar aquilo que se tem: a colheita das sementes, o frango, o alimento sem veneno, a construção do frigorífico, enfim, é também olhar para a árvore cambuatã e fazer memória do passado, olhar para a cruz e se identificar com Cristo que venceu a injustiça!

“A religião mantém o povo unido” (Fermino). Esta característica da experiência religiosa entre os assentados se identifica com a abordagem teórica de Durkheim, quando afirma que a religião tem força de coesão que se revela como orientação e sentido, pois está presente na consciência do coletivo. Assim, a religião dá sentido às ações, que faz com que as pessoas fiquem na terra, que não deixa as pessoas venderem sua terra porque é de Deus e, ao mesmo tempo, lhe oportuniza a elaborar sua história, coletivamente. A religião funda a realidade, delimitando espaços. A conquista da terra também é organização da vida. Por outro lado, mesmo que a religião seja como um organismo social que também oferece elementos para a dinâmica organizativa de um espaço, no Conquista na Fronteira

ela não assume um caráter institucional rígido, como no caso de sociedades em que foram organizadas a partir da construção de uma igreja no centro de um espaço e as famílias à sua volta. Aqui são vinte anos sem capela!

“Não adiantava ficar só rezando, rezando... tinha que lutar por seus direitos” (Edivar). A exemplo da argumentação marxista, os assentados perceberam que a religião reduzida a “só rezar”, pode ser entendida como uma ilusão, uma explicação falsa do mundo e, conseqüentemente, vivida na alienação. Por outro lado, compreenderam que é necessária a união entre fé e vida, ou seja, trazer para a luta da terra e da vida a experiência religiosa, uma proposta encarnada de fé!

“Há também outros padres, mais estudados pela burguesia, que não querem nem saber, eles seguem aquela linha, vão defender os interesses dessa burguesia” (Fermino). Aqui aparece uma tensão entre os assentados: se por um lado percebem a força da religião na luta pela terra, especificamente através de alguns líderes, como dom José, da diocese de Chapecó, também reconhecem que lideranças religiosas não defendem os pobres, que ignoram os movimentos sociais, o que, muitas vezes, fortalece perspectivas politizantes onde emancipar-se passa necessariamente pela secularização dos camponeses.

Celebrar significa unir fé e vida! Uma árvore, algumas ripas em forma de cruz remetem à história nos acampamentos, à chegada na fazenda que fora conquistada, aos dias que se sucederam, marcados pela crença de que um dia teriam a terra prometida. Por isso, ninguém derrubará a árvore onde se realizavam as reuniões, as celebrações e até os casamentos dos assentados. Este também se tornou um espaço sagrado! Portanto, necessita ser respeitado pela religião institucionalizada que, historicamente, teve influências positivas e também negativas no que se refere ao espaço das famílias realizarem suas celebrações: na lavoura, num salão, no rio – fora de uma capela, na sua maneira de expressar a fé: através da crença no benzimento do curandeiro, na mística, que traz a memória da luta e oportuniza a reflexão para a ação do coletivo. É necessário, em uma só palavra: “inculturar a proposta!” (Padre Florindo).

Por último, a experiência analisada neste trabalho traz algumas considerações para refletir a Educação do Campo, este exercício de construir e recriar o campo como um espaço específico, espaço pedagógico. A pesquisa aponta

a leitura religiosa como uma *leitura de mundo* que concorre com outras leituras da realidade. Ela é permeada de valores, de aspectos da cultura camponesa, que precisa ser reconhecida na sua singularidade. Muitas vezes, na figura das lideranças deste espaço, bem como em diferentes movimentos sociais, é deixada de lado, não considerada. Ao contrário, valorizando e reconhecendo esses elementos significativos, faz-se necessário perceber tal identidade camponesa e presente na experiência organizativa dos assentados; a “inculturação da proposta” não só daquela idealizadora de sociedade igualitária e da proposta secular como determinante para o projeto emancipador do ser humano, mas a partir da realidade dos sujeitos, seus valores, suas crenças, seus sonhos. Isso significa oportunizar reflexões para uma proposta curricular que não “aprisione” (Rubem Alves diz que as “grades” curriculares foram inventadas por um carcereiro), a religião dentro da disciplina de “ensino religioso”, mas que ela seja assumida como um dos elementos que compõe a cultura do campo na sua especificidade. Não se trata de “catequizar”, como foi a experiência forçada já desde o início da colonização do Brasil.

A luta pela terra é um tema político e pedagógico no qual o campo apresenta-se como um território, espaço de vida e de construção de conhecimento. Nesse sentido, a análise da luta pela terra na abordagem da sociologia da religião possibilita esse olhar, ao entender a religião como uma leitura de mundo, um olhar dentro dos outros olhares. Negar esse olhar significa negar a leitura da realidade dos camponeses, o que corresponderia a negar sua identidade.

Como toda pesquisa torna-se material para abordagens futuras, algumas questões aqui apresentadas foram relevantes para dar conta deste tema, mas merecem um aprofundamento. Coesão se desdobra necessariamente em coerção? Seria interessante pesquisar como os símbolos se tornam rígidos, se institucionalizam, se dogmatizam, perdendo a capacidade de exprimir toda sua riqueza. Esse fenômeno, não só no rito cristão, na própria mística do MST, se verifica como uma tensão presente.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião?** 2ª Ed. Coleção primeiros passos, n° 31. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.
- ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos.** 2ª Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- ARENHART, Deise. **A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento conquista na fronteira: significações e produções infantis.** (Dissertação de mestrado em educação), CED/UFSC, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos.** Petrópolis: Vozes, 1975.
- BOGDAN, Roberto C. e BICKLEN, Sorik. **Investigação qualitativa em educação.** Uma introdução à teoria. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.
- CALDART, Roseli. **Escola é mais do que escola na Pedagogia do Movimento Sem Terra.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- CPT. **A luta pela terra – a comissão pastoral da terra: 20 anos depois.** Secretariado Nacional da CPT. São Paulo: Paulus, 1997.
- DALMAGRO, Sandra Luciana. **Trabalho, coletividade, conflitos e sonhos: a formação humana no assentamento Conquista na Fronteira.** (Dissertação de mestrado em educação), CED/UFSC, 2002.
- DURKHEIM, Émilie. **As formas elementares da vida religiosa** (representações coletivas) in Os pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1978.
- ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, K. & ENGELS, F. **Obras escolhidas.** Volume 2. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.
- FERNANDES, Bernardo M. **MST formação e territorialização.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- FFB (Família Franciscana do Brasil). **Celebração do ano 2000.** Subsídios de preparação para o novo milênio -1997: Jesus Cristo – a terra. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo.** Campinas: Papyrus, 1998.
- Fórum Nacional Permanente do ensino religioso. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino religioso.** São Paulo: Editora Ave Maria, 1998.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

MADURO, Otto. **Religião e luta de classes**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARSHNER, Walter Roberto. Articulação paranaense: “por uma educação do Campo”. **A mística do girassol**. Caderno 3. Porto Barreiro, 2000.

MEDINA, Alfredo Ferro in CEDI. **A teologia se fez terra**. São Leopoldo: RS: Editora Sinodal, 1991.

ITSUE MORISSAWA. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). **Paulo Freire: um educador do povo**. Veranópolis: Iterra, 2001.

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Boletim da Educação, nº 8, 2001.

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Coleção: Fazendo Escola, n. 3, 2000.

PORTELA, Fernando. Fernandes, Bernardo Mançano. **Reforma agrária**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RODRIGUES, José Albertino (org.). **Durkheim, Sociologia**. 9ª Edição. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SAINT-EXUPÉRI, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Agir, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. 9ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

SAUER, Sérgio. **A sociedade moderna e religião: contribuições sociológicas de Marx, Weber e Durkheim**. Brasília: UnB (material não publicado), 1998.

SOUZA, Marcelo de Barros e CARAVIAS, José. **Teologia da terra**. Série V: desafios da vida na sociedade. Coleção teologia da libertação. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa/naturalista: problemas epistemológicos**. Educação e Seleção. n.7, jan/jun, 1983.

STÉDILE, João Pedro e FREI SÉRGIO. **A luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Terra, trabalho e educação: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

WEBER, Max. **A psicologia social das religiões mundiais**. In GERTH, H. H. e MILLS, Wright (org.). **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1979.

## **ANEXO A - Dados sobre os informantes**

1. **Anderson Lênin Ongaro:** (19) – membro da Comissão de Animação e Visita, filho de acampados, agora assentados.
2. **Edivar Boiani:** membro da coordenação do Assentamento e membro da Cooperativa Terra Viva.
3. **Fermino Novello Boiani:** esposo da senhora Nilva Daniela Boiani; pai do Edivar; benzedor.
4. **Guilherme Petri Weber:** esposo da senhora Ivone; da família que era luterana.
5. **Ivone V. Weber:** catequista; da única família hoje, no Assentamento, de origem luterana.
6. **Jacir Francisco Strapazzon:** (42) ex assentado – membro da EPAGRI: Empresa Agropecuária de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina.
7. **Márcia Boiani:** esposa do Edivar e trabalha na Cooperativa Terra Viva.
8. **Marckus Antonio Dreyer:** (52) membro da Comissão de Animação e Visita.
9. **Neudy Guindane:** (48) - há 7 anos é Coordenador da Cooperativa de Créditos – CHRENOR, nos 18 municípios de abrangência da Cooperativa Terra Viva. (Neudy estudou até a quarta série e foi frente de massa durante 5 anos, mobilizando o povo para a luta da terra).
10. **Nilva Daniela Boiani:** esposa do senhor Fermino, mãe do Edivar.
11. **João Carlos do Rosário:** (49) – catequista e membro da Comissão de Animação e visita

**ANEXO B - Cronologia da luta pela terra e contra o cativeiro no Brasil: (Conf. PORTELA e FERNANDES, 2004, p. 56-57)**

- Cerca de 1550 – São desembarcados na colônia portuguesa da América os primeiros africanos escravizados. Nos três séculos seguintes, outros 3,5 milhões de africanos chegarão às terras do atual Brasil.
- 1597 – Primeiro quilombo na região de Palmares, entre os atuais estados de alagoas e Pernambuco.
- Séculos XVI e XVII – Estima-se que cerca de 350 mil indígenas escravizados trabalhavam na economia brasileira. A caça aos índios teve diversos movimentos de resistência, como a Confederação dos Tamoios e a guerra dos Potiguaras.
- 1694 – Fim da resistência do quilombo dos Palmares, que durou um século. Morre Zumbi dos Palmares.
- 1756 – Morre Sepé Tiaraju, líder guarani, símbolo da resistência indígena.
- 1897 – Canudos, na Bahia, é destruída pelo exército brasileiro.
- 1914 – Fim da Guerra do Contestado, na divisa entre Santa Catarina e Paraná.
- 1952 – CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) - Igreja e problemas da terra.
- 1954 – CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil).
- 1954 – Começo das Ligas Camponesas e da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas (Ultrab).
- 1959 – Surgimento do Movimento dos Agricultores Sem Terra (máster)
- 1963 – Fundação da Confederação Nacional dos trabalhadores na Agricultura (Contang).
- 1964 – Elaboração do Estatuto da Terra pelo governo militar.
- 1964 – Concílio Vaticano II.
- 1968 – Medellín: “O mesmo Deus que cria o homem à sua imagem e semelhança, cria também a terra para uso de todos os homens e de todos os povos” (SOUZA e CARAVIAS, 1988, p. 354)
- 1972 – CIMI (Conselho Indigenista Missionário).
- 1975 – Criação da comissão Pastoral da Terra (CPT).
- 1980 – Puebla reconheceu os camponeses como “força dinamizadora na construção de uma sociedade mais participada” (SOUZA e CARAVIAS, 1988, p. 372).

- 1984 – Fundação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).
- 1985 – Decreto do Plano Nacional de Reforma agrária (PNRA).
- 1995 – Massacre de Corumbiara (RO).
- 1996 – Massacre de Eldorado dos Carajás (PA).
- 1997 – Marcha Nacional pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça, reunindo sem-terras de todo o país, em Brasília.
- 2001 – O governo Fernando Henrique Cardoso cria medidas provisórias que criminalizam as ocupações de terra e desconsideram as terras ocupadas para Reforma Agrária.
- 2003 – Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente com a promessa de fazer a Reforma Agrária.